

A 24.8 agosto 1971
Liahona



MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO

ElRay Christiansen
do Conselho dos Doze



Meus irmãos e irmãs, gostaria de dizer alguma coisa que pudesse ser proveitosa àqueles dentre nós que se acham acobrunhados por provações, dificuldades, desapontamentos e tribulações — e a estes digo: “Não duvideis, não temais.” (D&C 6:36)

O Evangelho de Jesus Cristo abarca todo princípio, toda lei e toda ordenança que possa ser necessária para enfrentarmos qualquer condição na vida que leve ao sucesso final a cada um de nós.

Os ensinamentos de Jesus aquecem o coração humano. Suas doutrinas iluminam a mente. Apontam-nos o rumo certo.

Seu ensinamento supremo é reconhecer a Deus como nosso Pai. Jesus orou ao Pai e pediu que todos os homens fizessem o mesmo e que vivessemos segundo “toda a palavra que sai da boca de Deus.” (Mateus 4:4) Ensinou que, pela sujeição ao plano de nosso Pai, dado por intermédio de Jesus Cristo, cada um de nós poderá cumprir seu sublime destino.

Este é o único plano capaz de proporcionar genuína paz mental. Na verdade, é o **único** plano que conduz o homem à salvação e exaltação. Foi-nos proposto na preexistência e cada um de nós o aceitou prazerosamente, compreendendo que, como parte dele no estado mortal, provavelmente haveríamos de experimentar tristezas bem como alegrias, tanto dor como conforto, desapontamento ao lado de sucessos, doença bem como saúde. Por ser necessário para nosso progresso e desenvolvimento, o Senhor permite que o amargo ande de mãos dadas com o doce. Ele sabe que a fé individual precisa ser testada tanto na adversidade como na serenidade. Do contrário, talvez não tenha crescido o suficiente, quando surgir uma condição que só poderá ser enfrentada pela fé.

Irmãos e irmãs, vocês e eu **nunca** estamos sôzinhos. O Senhor não nos abandonará. Façamos nós por não abandoná-lo!

Neste Número:

Mensagem de Inspiração. ElRay Christiansen	2
Salvação Universal. Pres. Joseph Fielding Smith	3
Templos - os Portais para o Céu. Marion G. Romney	5
A Família e a Eternidade. Boyd K. Packer	11
Neófitos em Genealogia. Howard W. Hunter	15
De Amigo para Amigo. Mark E. Petersen	17
Faça uma de um Velho Amigo. Eva Gregory de Pimienta	18
Coisas que Aprendi. Pres. N. Eldon Tanner	21
Domingo no Vietnã. Roger McLaughlin	22
A Palavra Proferida. Richard L. Evans	25
O Preparo de nossa Juventude. Pres. Harold B. Lee	26
Uma Dádiva dos Céus. George Durrant	28
Notícias da Igreja no Brasil	32

Capa

Estas alegres cenas de convívio familiar de todo o mundo foram tiradas por Doyle Green, Jerry Harvey, Eldon Linschoten e Roland Sparks. Vide o artigo de George Durrant, “Uma Dádiva dos Céus” na pág. 28.

A 24/8 agosto 1971
Liahona

Publicação Mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo
CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675 — 282-5948

EDITOR

Hélio da Rocha Camargo

REDATOR

Aldo Francesconi

ESTACA SÃO PAULO

R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

ESTACA SÃO PAULO LESTE

R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

CORRESPONDENTE

Dante T. J. Pantiga

ESTACA SÃO PAULO SUL

R. Catequese, 432, Santo André, SP

CORRESPONDENTE

Nívio Varella Alcover

MISSÃO BRASIL CENTRAL

R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP
Tel. 80-4638

CORRESPONDENTE

Michael Deputy, James Wilson

MISSÃO BRASIL SUL

R. Dr. Flôres, 105, 14.º
CP 1513, Pôrto Alegre, RS
Tel. 24-9748

CORRESPONDENTE

Robert Levonian

MISSÃO BRASIL NORTE

R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB
Tel. 225-1839

CORRESPONDENTE

Michael A. Hutchings

CONSTRUÇÃO GERAL NO BRASIL

R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 288-4118

CORRESPONDENTE

Manoel Marcelino Netto

A LIAHONA — Edição brasileira do “The Unified Magazine” da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. “The Unified Magazine” é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do “The Unified Magazine”. Colaborações espontâneas e matéria oriunda dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 12,00; para o exterior, simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 1,20; exemplar atrasado: Cr\$ 1,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.

Salvação Universal



Pres. Joseph Fielding Smith

Terão os santos dos últimos dias consciência plena da enorme responsabilidade colocada sobre nossos ombros, relativa à salvação do mundo? Estamos fazendo grande empenho para converter e salvar uma geração perversa e iníqua; enviamos centenas de missionários a todas as partes do mundo e gastando anualmente centenas de milhares de dólares nessa obra imprescindível. Empregamos centenas de milhares de dólares na construção de capelas, escolas da Igreja e outros edifícios, na educação da juventude de Israel, no desenvolvimento e melhoria de nossas terras, edificando cidades e incrementando comunidades, publicando periódicos e revistas, além de procurar, de todas as maneiras, a elevação de nossa própria gente, disseminando o conhecimento que converterá o mundo ao Evangelho. Mas o que estaremos fazendo pela salvação de nossos mortos?

Muitos existem, é verdade, que compreendem essa grande obra e cumprem fielmente seus deveres nos templos do Senhor. É um bom sinal que demonstra a disposição e atividade dos santos. Entretanto, isto não exime os membros inativos e dilatórios que nada estão fazendo em favor dos mortos. Tais pessoas não podem esperar crédito pelo que os outros possam estar fazendo; a responsabilidade repousa com peso equitativo sobre todos, de acordo com nossa capacidade e oportunidades pessoais.

Não importa para o que mais formos chamados, qual posição ocupemos ou quão diligentemente trabalhemos de outra forma na Igreja; ninguém é eximido desta grande obrigação. É exigido tanto ao apóstolo como ao mais humilde élder. Cargo, distinções ou lon-

Mensagem do
Presidente da Igreja
de Jesus Cristo dos
Santos dos Últimos Dias

Esta mensagem do Presidente Smith foi publicada pela primeira vez na Improvement Era de fevereiro de 1910. O tema é tão oportuno e as palavras tão pertinentes, que merecem nova publicação.

gos serviços prestados à causa de Sião no campo missionário, nas estacas de Sião ou outro lugar qualquer, não dão direito a ninguém de postergar a salvação dos mortos.

Alguns podem achar que, se pagarem o dízimo, freqüentarem as reuniões regulares e cumprirem seus deveres, socorrerem os pobres, ou quem sabe dedicarem um, dois ou mais anos à pregação do Evangelho, estão assim isentos de outras obrigações. Entretanto, o maior e supremo dever de todos é trabalhar pelos mortos. Podemos e devemos fazer todas estas outras coisas, pelas quais não deixaremos de ser recompensados, mas, se negligenciarmos o privilégio e mandamento mais importante, encontrar-nos-emos sob severa condenação, não obstante todas as demais boas obras.

E por que tal condenação? Porque "a maior responsabilidade neste mundo que Deus colocou sobre nós, é ir à procura de nossos mortos." Como não podemos ser salvos sem eles, "é necessário que aqueles que se foram antes de nós e os que vierem depois de nós tenham salvação em comum conosco, pois assim Deus tornou obrigatório ao homem," diz o Profeta Joseph Smith. (**Times and Season** 5:616; também **Teachings of the Prophet Joseph Smith**, p. 356).

Disso depreendemos, então, que embora seja necessário pregar o Evangelho às nações da terra e fazer todas as outras boas obras na Igreja, o supremo mandamento dado a nós e tornado obrigatório, é o trabalho no tempo por nós mesmos e em favor de nossos mortos.

Novamente diz o Profeta: "O batismo pelos mortos é o único caminho pelo qual o homem pode apresentar-se como salvador no Monte Sião. A proclamação dos primeiros princípios do Evangelho foi um meio de salvar o homem de maneira individual, porém, engajando-se ativamente como substitutos nos ritos de salvação, os homens tornam-se instrumentos para levar multidões de parentes ao reino de Deus... Esta doutrina parece gloriosa, visto que demonstra a grandeza da piedade e benevolência divina na extensão do plano de remir a humanidade. Tal verdade gloriosa é bem cal-

culada para ampliar o entendimento e sustentar a alma nas provações, dificuldades e desgraças... Esta doutrina demonstra claramente a sabedoria e a misericórdia de Deus, preparando uma ordenança para salvar os mortos que, sendo batizados por procuração, terão seus nomes registrados nos céus e serão julgados segundo as ações cometidas na carne. Assim era a idéia principal das Escrituras, e os santos que negligenciam seus parentes mortos, o fazem com risco de sua própria salvação." (**Times and Seasons** 2: 577-78. Vide também **O Caminho da Perfeição**.)

O motivo de perigar nossa própria salvação é porque se torna necessário que pais e filhos não apenas recebam a ordenança do batismo, mas também sejam ligados de geração em geração. É preciso irmos aos templos e sermos batizados, confirmados e recebermos tôdas as ordenanças por nossos mortos, exatamente como o fazemos por nós próprios. (Vide **History of the Church**, 6:365)

"... É suficiente saber, neste caso, que a terra será ferida por maldição, se não houver um elo de alguma espécie entre os pais e filhos, num ou outro assunto — e eis que, qual é o assunto? É o batismo pelos mortos. Pois nós, sem eles, não podemos ser aperfeiçoados; nem podem eles, sem nós, ser aperfeiçoados. Nem podem eles, nem podemos nós ser aperfeiçoados sem os que morreram no Evangelho também; pois no início da dispensação da plenitude dos tempos, a qual está começando a se introduzir, é necessário que haja uma união completa e perfeita, e uma solda de dispensações, e chaves, e podêres, e glórias, e sejam elas reveladas desde os dias de Adão até o tempo atual. E não somente isso, mas tôdas as coisas que nunca foram reveladas desde a fundação do mundo, mas têm sido conservadas ocultas aos sábios e prudentes, e serão reveladas a crianças e recém-nascidos nesta, a dispensação da plenitude dos tempos. (D&C 128:18)

E novamente citando o Profeta: "A Bíblia diz: "Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor; e converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais,

para que eu não venha, e fira a terra com maldição." (Malaquias 4:5-6)

"O termo **converter** neste caso deveria ser traduzido como ligar ou selar. Mas qual é o objeto dessa importante missão? Ou como deverá ser cumprida? As chaves estão para ser entregues, o espírito de Elias está para vir, o Evangelho para ser estabelecido, os santos de Deus para serem reunidos, Sião construída, e os santos para subirem ao Monte Sião como salvadores.

"Mas, como irão tornar-se salvadores no Monte Sião? Construindo seus templos, erigindo suas fontes bastimais e prosseguindo e recebendo tôdas as ordenanças, batismos, confirmações, lavamentos, unções, ordenações e podêres seladores sobre suas cabeças, em benefício de todos os progenitores já mortos, redimindo-os, para que possam ressurgir na primeira ressurreição e serem exaltados a tronos de glória com eles; e nisto reside a cadeia que ligará o coração dos pais aos filhos, e o dos filhos a seus pais, o que cumpre a missão de Elias. E eu desejaria que este templo a Deus já estivesse feito, para que pudéssemos entrar e pormos mãos à obra e aproveitarmos nosso tempo, fazendo uso dos selos enquanto estão na terra.

"Os santos não dispõem de muito tempo para salvar e redimir seus mortos, e reunir seus parentes ainda vivos, para que também eles possam ser salvos antes que a terra seja ferida, e a (consumação) decretada caia sobre o mundo." (**History of the Church** 6:183-84; também **Teachings of the Prophet Joseph Smith**, p. 330)

Estas passagens destacam a importância do trabalho pelos mortos, pois que não podemos ser salvos sem eles, nem o podem eles sem nós. Nossa salvação não pode ser alcançada, a não ser que pais e filhos sejam unidos, ligados, selados numa perfeita ordem familiar. Maridos e esposas precisam ser ligados por quem de autoridade, e os filhos a seus pais, até que se constituam uma grande família, composta de todos os fiéis desde o princípio ao fim do tempo, com Adão, nosso progenitor, estabelecido em seu chamado como pai de todos nós.

Templos - os Portais para o Céu

Marion G. Romney
do Conselho dos Doze

De tôdas as coisas maravilhosas reveladas durante a restauração do Evangelho, uma das mais significativas foi o conhecimento acêrca dos templos e seus propósitos. Ao traduzir os antigos registros, o Profeta Joseph Smith tomou conhecimento da existência de templos entre os povos do Livro de Mórmon. Referindo-se ao que fazia por volta de 570 A.C., Néfi escreveu:

"E eu, Néfi, construí um templo; e construí-o segundo o modelo do templo de Salomão, só não tendo como êsse tantas coisas preciosas; pois que não as havia no país e, portanto, não podia êle ser construído como o de Salomão. Mas o plano de sua construção era igual ao do templo de Salomão; e sua obra, portanto, era consideravelmente formosa." (2 Néfi 5:16)

Mais adiante, Jacó referia-se à instrução do povo de Néfi no templo.¹

Cêrca de 121 A.C., "o rei Limhi enviou uma proclamação a todo o seu povo, para que se reunisse no templo e ouvisse as palavras que lhe iria dizer." (Mosíah 7:17)

É provável ter sido êste o templo que o pródigo Rei Noé adornou tão elegantemente.² Bem pode ser que tôdas as menções anteriores se refiram ao templo construído por Néfi.

Por volta de 124 A.C., o povo reuniu-se perto de outro templo, no país de Zarahemla, a fim de ouvir o grande discurso de despedida do Rei Benjamin.³

O Livro de Mórmon menciona um terceiro templo localizado no "país Abundância", em tôrno do qual se reunira o povo de Néfi, quando viu e ouviu pela primeira vez o Salvador ressurrecto.⁴ Contudo, os nefitas podem ter tido ainda outros templos.⁵

Sabemos, pelo Velho Testamento, que o povo de Israel se dedicava à construção de templos. O Dr. James E. Talmage nota que

"eram caracterizados entre as nações como construtores de santuários dedicados ao nome do Deus vivente."⁶

Os povos idólatras também edificavam templos consagrados ao culto de seus respectivos ídolos. Pouco depois de Israel ter "escapado ao ambiente da idolatria egípcia", Jeová requereu-lhes que "preparassem um santuário no qual (pudesse) manifestar sua presença e tornar conhecida a sua vontade como Senhor e Rei por êles aceito."⁷ Seguindo as especificações detalhadas recebidas de Jeová, construíram com os mais finos materiais acessíveis, o tabernáculo que abrigou a Arca da Aliança.

Quando os de Israel, após quarenta anos de andanças pelo deserto, finalmente tomaram posse de sua terra, o tabernáculo que levavam

O Templo de Nauvoo foi o segundo erguido ao Senhor nesta dispensação



consigo “recebeu um lugar de repouso em Silo; e para lá vinham as tribos para aprender a vontade e palavra de Deus”.⁸

“Davi, o segundo rei de Israel, desejava e planejou construir uma casa ao Senhor, declarando que não era lícito que ele, o soberano, vivesse num palácio de cedro, enquanto o santuário do Senhor era apenas uma tenda.”⁹ Mas Deus lhe disse: “Não edificarás casa ao meu nome, porque és homem de guerra, e derramaste muito sangue.” (I Crônicas 28:3)

Não obstante, Davi reuniu o material, e seu filho, Salomão, edificou o templo.

Este magnífico templo foi preservado em todo o seu esplendor, por trinta e quatro anos. Depois, devido à iniquidade de Salomão e apostasia de Israel, “Jeová retirou sua presença protetora...”¹⁰

Foi despojado pelos egípcios; Asa, rei de Judá o saqueou; e Nabucodonozor, finalmente, incendiou-o por volta de 600 A.C.

Israel tornara-se completamente corrompida; as tribos estavam divididas. “O Reino de Israel, abrangendo aproximadamente dez das doze tribos, fôra conquistado pela Assíria cerca de 721 A.C.” As duas restantes, compreendendo o reino de Judá, continuaram sujeitas à Babilônia durante setenta anos.

“Depois, sob o benévolo govêrno de Ciro e Dario, receberam permissão de retornar a Jerusalém, para, mais uma vez, erigir um templo de acôrdo com suas crenças... êsse santuário restaurado é conhecido na história como Templo de Zorobabel.”

Ele foi terminado em 515 A.C. “Embora êsse templo fôsse imensamente inferior em riqueza de acabamento e acessórios comparado ao esplêndido Templo de Salomão, era, não obstante, o melhor que o povo podia fazer, e o Senhor aceitou “como o fizera com o tabernáculo e o de Salomão.”¹¹

Após cinco séculos de ruínosa decadência, o templo foi reconstruído por Herodes, rei da Judéia, uns dezesseis anos antes do nascimento de Cristo. O templo, ainda que aviltado por muita exploração comercial, relacionou-se com numerosos incidentes nos primeiros anos de vida do Salvador. Em 70 A.D. foi destruído pelas chamas, como predissera o Senhor.

Não obstante o fato de que os templos sempre têm sido um distintivo dos verdadeiros seguidores do Deus vivente, nenhum outro povo cristão a não ser os nefitas, segundo o que consta dos registros, construiu um templo entre a destruição de Herodes e a organização da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, em 1830 — um período de 1.760 anos. Uma vez que não havia qualquer conhecimento referente a templos, seu propósito e o trabalho a ser nêles realizado entre os homens na terra durante todo êsse período, surge a questão: De onde o Profeta Joseph Smith recebeu seus conhecimentos sôbre templos? Podemos estar certos de que não foi dos homens, pois que êstes não o possuíam. A resposta, naturalmente, é que lhe veio dos céus, através de revelação direta.

Hoje em dia, portanto, construir templos é uma atividade que distingue a Igreja de Jesus Cristo. Não podem ser concebidos por ninguém mais que os membros da Igreja que possuem entendimento do Evangelho de Jesus Cristo. Os grandes princípios eternos da preexistência, do casamento para a eternidade, da ressurreição e da exaltação, da natureza de Deus e nosso relacionamento com ele — todos êles e outros mais abrangem os trabalhos do templo. Dos templos são refletidos para o compreensivo coração dos santos dos últimos dias.

Entre tôdas as evidências do chamado profético de Joseph Smith Jr., dificilmente se encontrará outra mais conclusiva que o fato de que, dentro de um ano da organização da Igreja, começou ele a receber do Senhor instruções acêrca da construção de templos. (D&C 36:8)

Já em julho de 1831, o Senhor o informou de que Independence, Missouri, era “o local para a cidade de Sião... e o local para o templo se acha ao oeste, num lote não longe do fôro.” (D&C 57:2,3)

Naqueles dias primitivos, era grande o interesse por construir templos e a cidade de Sião, disso decorrendo o espírito que na época animava os santos de se juntarem. A relação entre o interesse de juntar-se e o empenho em templos foi explicada pelo Profeta da seguinte maneira: Tomando como texto as palavras do

Salvador: "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!" (Mateus 23:37), indagou: "Qual o objetivo de "ajuntar" os judeus, ou seja, o povo de Deus, em qualquer época do mundo?"

Ele próprio deu a resposta: "O objetivo principal era construir ao Senhor um local em que êle pudesse revelar a seu povo as ordenanças de sua casa e as glórias de seu reino, e ensinar-lhe o caminho da salvação; pois existem certas ordenanças e princípios que, quando ensinados e praticados, devem sê-lo num lugar ou edifício erigido para êsse propósito.

"Foi decisão dos conselhos dos céus antes da existência do mundo, que os princípios

e leis do Sacerdócio ficariam na dependência do "ajuntamento" do povo em tôdas as eras... As ordenanças do Sacerdócio instituídas antes da fundação do mundo para a salvação dos homens, não podem ser alteradas ou modificadas. Todos precisam ser salvos pelos mesmos princípios.

"E é com êste mesmo propósito que Deus "ajunta" seu povo nos últimos dias, para edificar uma casa ao Senhor, a fim de prepará-lo para as ordenanças e "endowments" (investiduras), lavamentos e unções...

"Se um homem deseja receber a plenitude do Sacerdócio de Deus, precisa consegui-lo da mesma forma que Jesus Cristo a obteve — guardando todos os mandamentos e obedecendo a tôdas as ordenanças da casa do Senhor...

"Todo homem que se torna herdeiro de



Uma grande maquete do segundo templo (chamado Templo de Herodes pelos cristãos) está exposta no Hotel "Terra Santa" em Jerusalem.

Deus e co-herdeiro com Jesus Cristo terá que receber a plenitude das ordenanças de seu reino; e aqueles que não receberem tôdas as ordenanças, não alcançarão a plenitude daquela glória, se é que não a perdem tôda."¹²

Os templos são imprescindíveis para a completa organização da Igreja. "A Igreja," disse o Profeta, "não está plenamente organizada em sua devida ordem, e não poderá sê-lo, até que seja terminado o templo no qual haverá lugares reservados à administração das ordenanças do Sacerdócio."¹³

Em 8 de abril de 1844, falando na conferência da Igreja realizada em Nauvoo, o Profeta disse aos santos que havia "recebido instruções do Senhor de que, dali em diante, sempre que os élderes de Israel construírem igrejas e ramos ao Senhor em qualquer parte do país, ali deverá haver uma estaca de Sião. Nos grandes centros como Boston, Nova York etc., deverão existir estacas. Isto é uma proclamação gloriosa, e eu a reservei para o fim, e quero que fique entendido que êste trabalho deverá começar depois que tenham realizado aqui os lavamentos, unções e "endowments" (investiduras)"¹⁴

Os templos são grandes fortalezas de retidão no mundo, às quais se opõe o demônio. Instigou de tal forma os inimigos de nossa gente depois de construídos os primeiros templos, que os santos foram obrigados a saírem de Kirtland e Nauvoo. Sem o profuso derramamento de espírito e poder concedidos naqueles templos, é duvidoso que a Igreja pudesse ter sobrevivido.

Além de ser um lugar para o Senhor "revelar ao seu povo as ordenanças de sua casa e as glórias de seu reino, e ensinar-lhe o caminho da salvação", o templo é local em que os santos recebem as ordenanças maiores do sacerdócio necessárias à sua exaltação. (Vide **History of the Church**, vol. 5, p. 123)

Ninguém entre nós ignora as ordenanças essenciais do Evangelho: primeiro, batismo; segundo, imposição das mãos para o dom do Espírito Santo. Estas ordenanças são ministradas aos vivos em lugares outros que não os templos, como também ocorre com a terceira, a imposição das mãos para a concessão do



Sacerdócio. Entretanto, as ordenanças maiores do Evangelho, aquelas pertencentes ao "endowment" (investidura) e selamento, só podem ser realizadas num templo.

O Profeta Joseph Smith deixou claro que o homem não pode ser salvo (isto é, exaltado), sem a celebração dessas ordenanças em benefício próprio.

"Desejo aconselhar a todos os santos que se empenhem com todo o seu vigor e reúnam neste lugar todos os parentes vivos, para que possam ser selados e salvos, para que possam ser preparados contra o dia em que o anjo destruidor surgir..."

"Freqüentemente, levanta-se a questão: "Não poderemos ser salvos sem cumprir com tôdas essas ordenanças?" Eu responderia: "Não", a plenitude da salvação. Jesus disse: "Na casa de meu Pai há muitas moradas... vou preparar-vos lugar..., e qualquer pessoa que fôr exaltada ao lugar mais elevado, deve

submeter-se à lei celestial, e à lei inteira também.”¹⁵

Nos templos, somos selados, eternamente a nossos pais, maridos e antepassados; e nossos filhos são selados a nós.

Nossos líderes continuamente falam do lar como o centro da vida de um santo dos últimos dias. Sem o selamento de marido e mulher, filhos e pais, não haveria vínculo familiar no mundo vindouro; não existiria nenhum lar eterno. Que coisa terrível seria! Na ausência do lar, o céu seria destituído de sua felicidade. Para mim, onde estiverem minha amada esposa e filhos, é o céu. Por isso, considero o Templo de Salt Lake, onde o amor de minha juventude e eu fomos selados para o tempo e para a eternidade, como um portal do céu para mim.

Os templos também são portais do céu para nossos antepassados que não tiveram o privilégio de viver numa época e num lugar em que lhes fôsse possível receber as ordenanças de selamento.

Na entrevista com Nicodemos, Jesus lhe disse: "...aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus." (João 3:5)

Esta passagem das Escrituras tem colocado a cristandade apóstata nas garras de um dilema. Aquêles que pretextam ater-se aos ensinamentos de Jesus, negam aos incontáveis indivíduos que morreram sem batismo um lugar no reino. Outros, rebelados contra a aparente injustiça dessa situação, alegam que o Salvador certamente não pretendia dar êsse sentido ao que disse. Por isso, rejeitam e negam a necessidade do batismo, bem como das outras ordenanças salvadoras do Evangelho.

Na realidade, tal dilema não existe, pois o Senhor providenciou que tôdas estas ordenanças indispensáveis do Evangelho pudessem ser realizadas vicariamente em favor dos mortos dentro dos templos. Oh! Quanto regozijo não deve haver agora no mundo dos espíritos, entre os filhos fiéis de nosso Pai, ao verem a construção dos templos modernos e observarem o grande ímpeto sofrido pela obra genealógica, sob a liderança capaz do Comitê Genealógico do Sacerdócio, assessorado por milhares de auxiliares inteligentes e zelosos!

Ponderando sobre a questão dos templos e os meios ali previstos para nos habilitar a subir aos céus, vem-me à lembrança a lição contida no sonho de Jacó. Sem dúvida lembrem-se de que, no vigésimo oitavo capítulo de Gênesis, existe um relato da volta dêle à terra de seu pai, para procurar uma esposa entre seu próprio povo. Enquanto seguia de Berseba para Harã, Jacó teve um sonho em que se viu na terra, aos pés de uma escada, cujo tôpo tocava os céus onde se postava o Senhor. Observou anjos subindo e descendo por ela, e compreendeu que os convênios que ali fizera com o Senhor eram os degraus que teria êle próprio que galgar, a fim de conseguir as bênçãos prometidas — bênçãos que lhe dariam o direito de entrar no céu e habitar com o Senhor.

Por ter-se encontrado com o Senhor e com êle entrado em convênios naquele lugar, Jacó considerou o sítio tão sagrado, que o chamou de Betel, uma contração de Beth-Elohim, que literalmente significa "a casa do Senhor". Acêrca dêsse lugar, afirmou: "... Êste não é outro lugar senão a casa de Deus; e esta é a porta dos céus." (Gên. 28:17)

Jacó não apenas passou por êsse portal dos céus, mas, vivendo à altura de todos os convênios feitos, prosseguiu por todo o caminho restante. O Senhor declarou a seu respeito e de seus antepassados Abraão e Isaque: "... porque fizeram nada mais do que as coisas que lhes foram mandadas, entraram para a sua exaltação, de acôrdo com as promessas, e se assentam em tronos, e não são anjos, mas sim deuses." (D&C 132:37)

Os templos são para nós o que Betel foi para Jacó. Mais ainda, são também as portas do céu para todos os nossos entes amados já falecidos, que não receberam o "endowment" (investidura). Todos nós deveríamos, pois, cumprir nosso dever, no tocante a facultar aos entes queridos a passagem por elas.

1 Jacó 1:17; 2:2,11.

2 Mosiah 11:10,11.

3 Mosiah 1:18; 2:1, 5-7.

4 3 Néfi 11:1-11.

5 Alma 16:13; 23:2. 26:29.

6 Helamã 3:9,14.

7 James A. Talmage, A Casa do Senhor, p. 2.

8 Ibid., p. 2-3.

9 Ibid., p. 5.

9 Ibid., p. 6.

10 Ibid., p. 8.

11 Ibid., p. 9-11.

12 Joseph Smith, History of the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, ed. B. H. Roberts, 2.ª edição, 5:423-24.

13 Ibid., 4:603.

14 Ibid., 6:319.

15 Ibid., 6:184.



A Família e a Eternidade

Boyd K. Packer
do Conselho dos Doze

Tempos atrás, eu estava aconselhando uma senhora que se filiara à Igreja após o malogro de seu casamento e a perda de seu único filho, um garoto de apenas nove anos. Contou-me ela uma coisa que recordo com clareza, porque me tocou profundamente.

Após separar-se do marido, enquanto tentava ganhar a vida para si e o filho, êste foi acometido por doença incurável. Tempos antes de sua morte, êle percebeu que não mais iria recuperar-se. Contou à mãe que dali por diante tinha uma única coisa em mente e ficava a repetir em tom suplicante: "Mamãe, a senhora não se esquecerá de mim, não é? Eu não serei esquecido, promete?"

Tal súplica de uma criança agonizante fala um pouco por todos nós, expressando nosso anseio de não sermos esquecidos.

Quando presidia à missão da Nova Inglaterra, recebi uma carta de certa mãe, explicando que, pouco depois de ingressar na Igreja, ela perdera sua única filhinha de cinco anos num acidente de carro. Durante as se-

manas que se seguiram ao funeral, essa mulher de coração partido ficou a remoer e chorar a morte da filha; então na agonia de sua aflição, escreveu-me, fazendo duas perguntas: A primeira: "Diga-me o que acontece. Será que tudo fica escuro? Não consigo suportar a idéia de que tudo sejam trevas para minha garotinha." E a segunda dúvida: "Ela estará sozinha? Por favor, diga que minha filhinha não está só. Não consigo suportar o pensamento de que esteja agora completamente sozinha."

Quão grato sou por ter podido dar consolo àquela mãe, e quão agradecido por termos recebido revelações nesta dispensação, que nos propiciam bastante conhecimento quanto ao que transpira e o que podemos esperar quando passarmos pelo véu.

A preservação da família é uma das grandes missões da Igreja. O Senhor nos revelou um meio para estabelecê-la permanentemente. O trabalho da genealogia do Sacerdócio prepara o caminho para realizarmos ordenanças no templo que eternizam a organização básica da Igreja — a família.

Creemos em revelação. Como santos dos últimos dias, "cremos em tudo o que Deus tem revelado, em tudo o que êle revela agora, e cremos que êle ainda revelará muitas grandes e importantes coisas pertencentes ao Reino de Deus." (9.ª Regra de Fé) Penso que não são muitos os santos dos últimos dias que já leram a última parte dessa declaração. Acreditam em tudo o que Deus tem revelado, mas eu gostaria de falar a vocês acêrca de "tudo o que êle revela agora."

A revelação é um dos principais tópicos de um dos mais interessantes livros da literatura da Igreja — a biografia de Wilford Woodruff, escrita por Mathias F. Cowley.¹ Esta história minuciosa de um presidente da Igreja e sua época foi tornada possível por meio de seu diário cuidadosamente escrito.

Sob a data de 5 de abril de 1894, o Presidente Woodruff anotou em seu diário: "Reuni-me com os irmãos, para tratar do assunto de adoção e "endowment", e o que segue é uma revelação dada a Wilford Woodruff." A página seguinte foi deixada em branco, mas nem por isso tal revelação ficou perdida.

Falando na conferência geral da Igreja em abril de 1894, disse êle: "Portanto, como o Senhor mandou que não falássemos a não ser quando movidos pelo Espírito Santo, necessito, a fim de obtê-lo, das orações e da fé dos santos dos últimos dias."

"A preservação da família é uma das grandes missões da Igreja. O Senhor nos revelou um meio para estabelecê-la permanentemente"

"Tenho algumas coisas que me foram confiadas que desejo apresentar aos santos dos últimos dias, e para isso pedirei ao Presidente George Q. Cannon que leia um trecho de Doutrina e Convênios, referente ao assunto do qual lhes desejo falar."

Em seguida, George Q. Cannon, primeiro conselheiro na Primeira Presidência, leu o trecho concernente à preservação dos vínculos familiares.

Depois, o Presidente Woodruff continuou: "Assim (referindo-se à seção 128) está exposto o assunto que nos foi confiado e que desejamos apresentar aos santos dos últimos dias... Quero dizer-lhes que estamos vivendo numa geração muito importante. Somos abençoados com poder e autoridade, somos portadores do Santo

Sacerdócio sôbre a terra por mandamento de Deus, para redimir tanto os vivos como os mortos. Se não o fizéssemos, seríamos amaldiçoados e varridos da terra, e o Deus de Israel levantaria outro povo para fazê-lo. O Senhor não me permitiria ocupar esta posição por um único dia de minha vida, se não me mostrasse suscetível ao Santo Espírito e às revelações de Deus. A batalha já vai muito adiantada, para que a Igreja possa ficar sem revelação. Não só o presidente da Igreja deve possuir êste dom e dá-lo ao povo, mas também seus conselheiros e apóstolos e todos os homens portadores do Santo Sacerdócio, se magnificarem o seu chamado, embora não lhes caiba dar revelações para guiar e dirigir a Igreja. O espírito de revelação pertence ao Sacerdócio...

"A família estabelecida sob o Sacerdócio num dos templos está alicerçada na que talvez seja a mais profunda de tôdas as ordenanças"

"... Vocês têm atuado de acôrdo com tôda a luz e conhecimento que possuíam (referindo-se novamente à questão de adoções e "endowments"); mas, agora, é-lhes requerido fazer mais do que têm feito. Nós não temos executado plenamente aquêles princípios em cumprimento das revelações de Deus, no tocante ao selamento do coração dos pais aos filhos e dos filhos aos pais."

Então, seguiu-se a essência da revelação na simplicidade de uma única assertiva, que introduziu uma obra sumamente maravilhosa nesta dispensação: **"Queremos que os santos dos últimos dias, daqui por diante, tracem sua genealogia tão longe quanto possível e sejam selados a seus pais e mães. Tenham os filhos selados aos pais e estendam essa cadeia tão longe quanto possam."** (Grifo nosso)

O Presidente Woodruff disse: "... Em minhas orações, o Senhor revelou-me ser minha obrigação dizer a tôda a Israel que cumpra êste princípio, e em obediência à revelação, eu o submeto a êste povo. Digo a todos os homens que trabalham nestes templos que ponham em prática tal princípio e, então, teremos dado um passo adiante do que fizemos antes. Meus conselheiros e eu conversamos sôbre o assunto e estando concordes, submetemo-lo depois a todos os apóstolos que aqui estavam... o Senhor revelou a cada um desses homens — e êles prestariam testemunho disso, se

lhes fôsse solicitado — de que era a palavra do Senhor para êles. Jamais encontrei qualquer coisa em minha vida nesta Igreja em que houvesse maior concordância do que o foi quanto a êste princípio. Todos sentem que é o certo e que é êste o nosso dever.” (*Deseret Evening News*, 19 de maio de 1894)

A 13 de novembro de 1894, foi realizada uma reunião no escritório do Historiador da Igreja, em Salt Lake City, à qual compareceram todos os membros da Primeira Presidência: Presidente Wilford Woodruff; seu primeiro conselheiro, George Q. Cannon e Joseph F. Smith, seu segundo conselheiro. Franklin D. Richards, presidente do Conselho dos Doze Apóstolos e demais membros também estavam presentes nessa reunião em que foi organizada a Sociedade Genealógica de Utah, com propósitos benevolentes, educacionais e religiosos, e para a preservação dos vínculos familiares.

“Essa posição de paternidade e maternidade na família não deve ser temporária, mas, sim, permanente”

Hoje em dia, temos na Igreja ainda outras organizações que se dedicam aos vínculos familiares. Possuímos estacas e missões, alas, ramos e distritos, todos presididos por um portador do Sacerdócio. Estas organizações são essenciais temporalmente; não são organizações eternas. Tanto podem ser organizadas como dissolvidas. As estacas, muitas vezes, são divididas e seus limites modificados em tamanho e disposição, e podem servir a um grupo de pessoas inteiramente diverso daquele para o qual foram organizadas.

Tais organizações existem para uma conveniente administração da autoridade do Sacerdócio. Oficiais são chamados para ministrar nas alas e estacas, mas em caráter temporário. Os bispos e presidentes de estaca algum dia serão substituídos. São designações temporárias colocadas sobre os ombros dos homens.

A família, pelo contrário, pode ser uma organização eterna. Embora possa mudar-se de uma ala ou estaca para outra, a organização familiar continua intacta. Poderá até mesmo ser transferida da mortalidade para as eternidades no mundo espiritual. A família estabelecida sob o Sacerdócio num dos templos está alicerçada na que talvez seja a mais profunda de todas as ordenanças. Quando um casal assume um nôvo e eterno convênio,

tem a possibilidade de entrar na plena expressão dos podêres da vida, tanto espirituais como físicos.

Esta é uma responsabilidade que não deve ser encarada levianamente. Os sagrados podêres físicos procriadores que foram reservados e protegidos durante tôda a vida do indivíduo, finalmente são liberados para um sagrado, puro e santo propósito — a formação de uma família.

Essa posição de paternidade e maternidade na família não deve ser temporária, mas, sim, permanente. Os oficiais presidentes na Igreja são mudados de tempos em tempos, mas isto não se dá com pai e mãe. O que acontece, quando um pai não se mostra diligente em suas responsabilidades? Às vezes, chegamos a pensar que deveria ser substituído, mas quem tem autoridade para isso? O bispo pode desobrigar um superintendente da Escola Dominical, mas não um pai de família. Êle não tem essa autoridade, nem tampouco o presidente da estaca.

Será que as autoridades gerais da Igreja possuem tal autoridade? Eu sei que não tenho o direito de desobrigar um pai de presidir sobre sua família. Seu chamado é especial; êle é permanente no nôvo e eterno convênio que não prevê nenhuma desobrigação.

Naturalmente, poderá haver uma desobrigação através de transgressão. Aquêles laços obrigatórios podem ser dissolvidos pela autoridade reservada ao próprio presidente e profeta. Entretanto, isto não decorre de instigação por parte do bispo ou presidente da estaca, mas é consequência da quebra do convênio, transgressão e indignidade do indivíduo.

Quando captamos uma visão do que é a família, o que são êsses laços obrigatórios e o convênio do casamento, então devemos compreender que, certamente, poucas coisas hoje em dia podem ser mais ofensivas ao Senhor do que a maneira insensata e caprichosa pela qual muitas pessoas fazem e desfazem o convênio matrimonial. Na verdade, atingimos um ponto na história humana em que o convênio do casamento, considerado sagrado e vital por tôdas as gerações passadas, é agora declarado completamente inútil por muitos.

Como consequência, aquêles sagrados processos de vida, através dos quais espíritos podem ingressar na mortalidade, estão sendo pervertidos. O caminho de vida em que novos espíritos precisam passar para adquirir um corpo mortal, é freqüentemente interdito por práticas anticoncepcionais; e quando ocorre a geração de um corpo por questão acidental, é por demais

comum recorrer-se a processos abortivos, e os espíritos são atirados de volta ao lugar de onde vieram. Tais práticas são consideradas um progresso da humanidade. Ambas baseiam-se no egoísmo.

“Se pretendemos preservar a família, precisamos fazer todo o possível para que haja algo digno de ser conservado”

Quando leio e releio a seção 128 de Doutrina e Convênios, sinto-me impressionado com o fato de que o Senhor faz muitas referências não apenas aos mortos e batismo pelos mortos, mas também fala sobre a salvação para os vivos e os mortos. Ao lerem aquela seção, notarão como estão juntos — os vivos e os mortos, ou os mortos e os vivos. O mesmo princípio relaciona-se a ambos.

Esse ligamento das famílias através da pesquisa genealógica e a subsequente execução das ordenanças de selamento num templo, está sendo fortalecido pelo vital programa de preservar a família e unir seus membros enquanto vivos. Nunca antes houve na Igreja dois programas que tenham chegado tão perto do entrelaçamento dos vivos e dos mortos como temos hoje em dia. Dispomos dos programas de reunião familiar e do ensino familiar, ambos destinados a estabilizar e fortalecer a família. Temos ainda o programa genealógico e de trabalhos no templo, objetivando tornar eterna a unidade familiar e mantê-la unida no mundo espiritual. Tais programas existem, porque “cremos em tudo o que Deus tem revelado, em tudo o que ele revela agora, e cremos que ele ainda revelará grandes e importantes coisas pertencentes ao Reino de Deus.”

Se pretendemos preservar a família, precisamos fazer todo o possível para que haja algo digno de ser conservado. Há muito o que alegar sobre uma vida familiar feliz aqui na mortalidade, e de uma forma muito real, ela se vincula intimamente ao que conhecemos como trabalho genealógico do Sacerdócio. A seção 128 faz referência à vinda de Elias. Isto foi profetizado por Malaquias, quatrocentos anos antes do nascimento de Cristo. As palavras finais do Velho Testamento dizem o seguinte:

“Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor

“E converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais, para que eu não venha, e fira a terra com maldição.” (Malaquias 4:5-6)

Permitam-me citar-lhes as palavras do Presidente Harold B. Lee, pronunciadas na dedicação do Templo de Oakland. “Peço-lhes que considerem o programa de ensino familiar de âmbito geral na Igreja, sobre o qual estamos falando hoje... O Presidente Joseph F. Smith e seus conselheiros prometeram aos membros da Igreja que, se reunirem seus filhos em torno de si uma vez por semana e os instruírem nas coisas do Evangelho, os filhos de tais lares não se desviarão.

“E por isso, hoje estão sendo preparadas instruções para fazer o quê? ... converter aqui na terra o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais. Acaso podem conceber que o único tempo em que os pais devem converter seu coração aos filhos e o dos filhos a seus pais é quando passarem pelo véu?

“Todos nós estamos preocupados como nunca antes em ligar intimamente as famílias aqui na terra”

“Pediria que considerassem seriamente se a vinculação com sua família será ou não segura, caso tenham esperado até passar pelo véu, para só então o coração anelar pelos filhos que não foram ajudados a trilhar o caminho. É tempo que pensemos em converter o coração dos pais aos filhos enquanto ainda vivos, a fim de que haja um vínculo entre ambos que sobreviva à morte. Trata-se de um princípio muito real e merece ser considerado cuidadosamente.”

Por isso, a obra genealógica do Sacerdócio, hoje em dia, goza de um prestígio e recebe um incentivo na Igreja como nunca houve igual. O trabalho nos templos e a organização que faculta a pesquisa genealógica nas alas e estacas é uma aplicação hodierna da revelação recebida por intermédio do Presidente Woodruff.

Todos nós estamos preocupados como nunca antes em ligar intimamente as famílias aqui na terra, para que também possam continuar unidas na eternidade. Haverá experiência mais maravilhosa do que os membros de todas as épocas de uma família ligarem-se pela pesquisa genealógica?

1. Matthias F. Cowley, ex-membro do Conselho dos Doze; 1858-1940.

NEÓFITOS EM Genealogia

Howard W. Hunter

do Conselho dos Doze

Se você subitamente captasse o espírito de Elias, compreendendo que o trabalho de pesquisa genealógica e o de ordenanças do templo integram o Evangelho de Jesus Cristo, saberia o que fazer?

Existe uma indubitável possibilidade de que a resposta de milhares de santos dos últimos dias a tal pergunta seria "Não", a despeito da crescente ênfase dada a esses programas na atualidade. Não há pergunta mais freqüente por parte dos que se engajam na pesquisa genealógica e no trabalho do templo do que: "Como devo começar?" ou "De que ponto partir?" Embora a resposta a tais questões possa parecer por demais óbvia a uns poucos, a maioria dos membros da Igreja, evidentemente, ainda precisa de orientação e esclarecimentos.

Motivação e confiança provêm do conhecimento. É possível que as poucas palavras que seguem proporcionem suficiente base de conhecimento, para que possam ganhar certa confiança e sentir-se motivados a se dedicar a esta grande obra do Evangelho.

O primeiro passo a ser dado por qualquer membro da Igreja é reunir toda informação possível sobre si mesmo, que possa ser obtida no lar e de parentes próximos. Isto visa a identificar a própria pessoa como indivíduo e saber de quem descende.

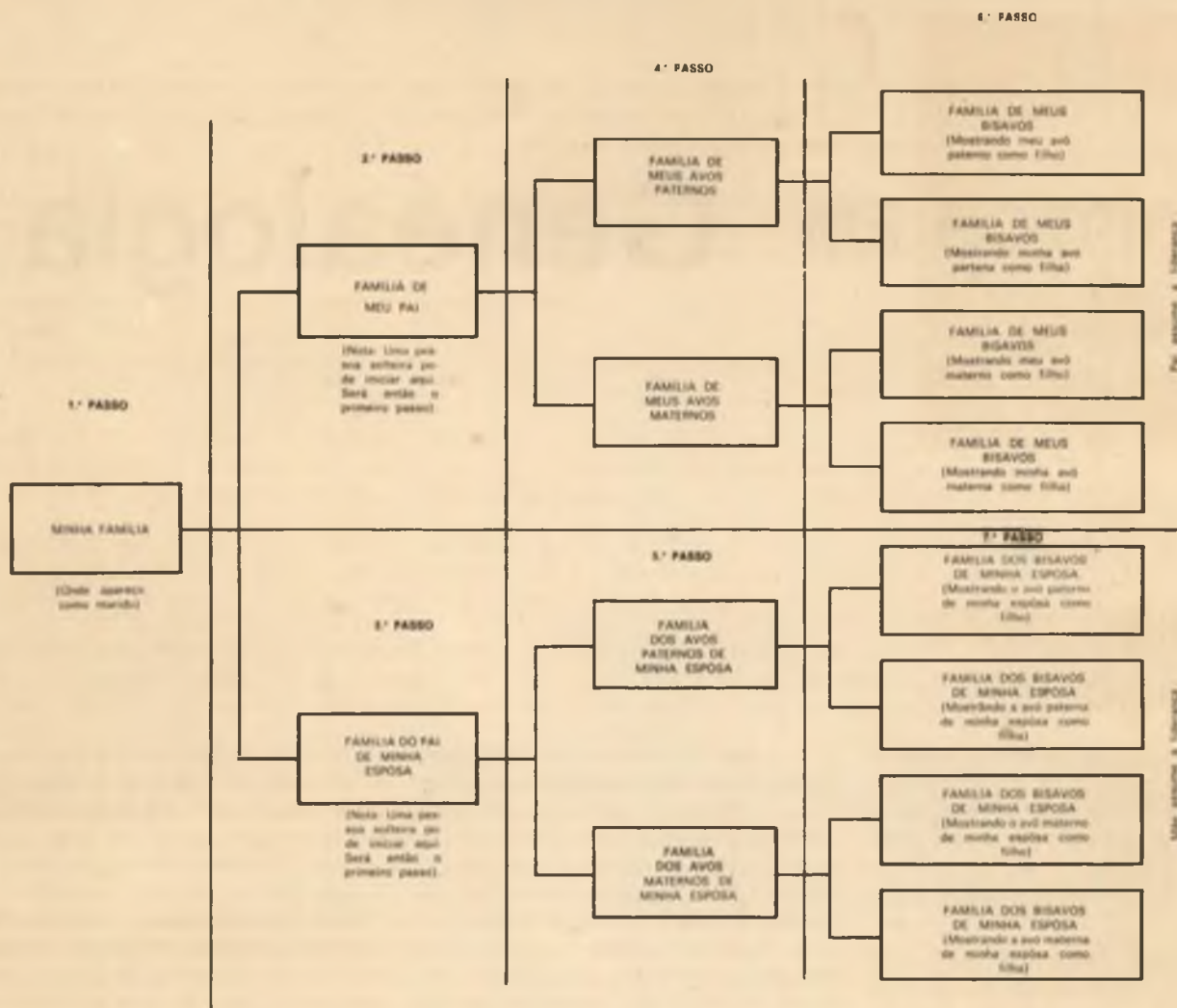
Essas datas, nomes e lugares, que são chamados dados estatísticos básicos, estabelecem que você nasceu na mortalidade como membro de uma família, identificando-o como indivíduo único entre a vasta multidão de filhos de nosso Pai Celestial. Com tais informações lançadas em uma folha de registro de grupo familiar, você poderá provar que é um pai ou filho de determinada família. Bem, isto poderá parecer tão óbvio, que não vale a pena fazer, contudo serve como o primeiro passo imprescindível para criar o elo com seus antepassados.

Tendo preenchido essa folha e anotado cuidadosamente as fontes de informação, a fim de que possam facilmente ser encontradas de novo, você deve partir para a geração que o precedeu e fazer o mesmo por esse grupo familiar. No caso de você constar como um dos pais, este próximo grupo familiar será o de seu

pai ou mãe, constando você no lugar de filho. Mais outro passo para trás seria um registro de grupo familiar de seus dois pares de avós, e o quarto, a mesma informação referente aos quatro pares de bisavós.

Esta é a designação mínima dada pela Igreja a cada um de seus membros como fundamento básico para uma séria pesquisa genealógica. Esses registros de grupo familiar devem ser submetidos ao líder do grupo de sumos-sacerdotes da ala, para processamento no programa das quatro gerações da Igreja. O líder do grupo de sumos-sacerdotes entregará então as folhas ao examinador de registros da ala para verificação. Caso houver erros de preenchimento, as folhas lhe serão devolvidas pelo líder de grupo, com as necessárias instruções de como corrigi-las. Cópias corrigidas e aprovadas de cada registro de grupo familiar serão eventualmente encaminhadas aos arquivos da Sociedade Genealógica, através do líder do grupo de sumos-sacerdotes.

Você deverá reter uma cópia de cada folha de grupo familiar que será incluída em seu próprio livro de recordações. Os mesmos registros



servirão para preparar o gráfico de linhagem.

Este é apenas o ponto de partida desta importante obra, mas talvez seja o mais longe que você possa chegar sem auxílio. Entretanto, poderá conseguir assistência de diversas fontes. O líder do grupo de sumos-sacerdotes da ala é designado supervisor deste programa junto ao bispo. Ele sempre estará pronto a ajudar os membros da ala em relação a esse trabalho.

Na maioria das alas, existem classes regulares de genealogia do Sacerdócio, funcionando sob a direção do bispo, de forma que os membros da Igreja tenham oportunidade de aprender os fundamentos da exaltação familiar. Este curso de caráter prático instrui as pessoas nos pon-

tos básicos do programa e em pesquisa genealógica.

Há livretos e manuais disponíveis para uso em classe. O **Manual de Genealogia do Sacerdócio** destina-se principalmente ao líder do Sacerdócio na ala. Outros materiais, tratando dos detalhes da execução do programa no âmbito da ala e esclarecendo a maneira pela qual os nomes devem ser submetidos à Sociedade Genealógica para o devido processamento, a fim de possibilitar a realização das ordenanças no templo, estão sendo traduzidos, pois até o presente existem somente em inglês.

O vulto material desse trabalho é inspirador. Os arquivos em Salt Lake City contêm acima de 75000 rolos de microfilme e mais de 100000 livros referentes à genealogia.

A pesquisa genealógica e trabalho de ordenanças no templo constituem-se numa obrigação de todo santo dos últimos dias. O atual programa de genealogia do Sacerdócio expandiu-se de tal forma, que não há desculpa para quase nenhum de nós ficar sem nada fazer.

Nossos mortos aguardam ansiosamente que este povo encontre seus nomes e depois vá aos templos de Deus para oficiar por eles, a fim de que possam ser libertos de sua prisão no mundo espiritual. As chaves desse supremo poder, concedidas ao Profeta Joseph Smith, continuam conosco atualmente. Este poder de oficiar pelos mortos destrói as barreiras do túmulo. Todos nós deveríamos encontrar a alegria desse magnífico trabalho de amor.



De Amigo para Amigo

Mark E. Petersen
do Conselho dos Doze

Caro Tommy,

Acabo de saber que foi batizado este mês, por ocasião de seu aniversário. Fiquei realmente feliz, porque o batismo terá um significado enorme para você pelo resto da vida.

Quando somos batizados ao atingir oito anos de idade, entramos para a Igreja de Jesus Cristo e recebemos muitas bênçãos. É preciso sermos batizados para cumprir um mandamento de Deus.

O batismo não é um mero costume na Igreja. É uma coisa que fazemos, porque o Senhor o quer. O batismo é tão antigo quanto o Evangelho. Adão foi batizado por imersão exatamente como você. E desde aquele tempo, milhões de pessoas foram assim batizadas.

Foi Jesus quem nos deu o batismo. Concedeu-o a Adão e também a todos nós que vivemos desde aquele tempo. Ele próprio também se submeteu ao batismo, para mostrar que todos, acima de oito anos, precisam receber esta ordenança.

Você sabe por que somos imergidos na água do batismo? Algumas igrejas acreditam numa ordenança a que chamam de batismo, mas que se resume a respingar um pouco de água na cabeça da criança.

A imersão é a única maneira correta de batizar, pois tem um significado todo especial. Durante toda a sua vida, você acreditou em Jesus. Apredeu como ele pregava ao povo, abençoava as crianças e até mesmo levantou dos mortos dois moços e uma menina.

Entretanto, o Pai Celestial usou essa crucificação para dar-nos muitas bênçãos. Jesus sofreu profundamente quando morreu, mas seu Pai que também é o nosso Pai que está nos céus, permitiu que ele sofresse assim, a fim de pagar por nossos pecados, se nos arrependermos deles.

E é quando somos batizados que nosso Pai Celestial permite que a expiação de Jesus pague por nossos pecados. Desta maneira, recebemos perdão através do batismo.

Mas, por que somos imergidos na água? É para representar o sepultamento e a ressurreição de Cristo. Assim como ele foi sepultado na tumba, também nós o somos na água. E da mesma maneira como ressurgiu da tumba para uma novidade de vida como pessoa ressurrecta, nós saímos das águas do batismo para a novidade de vida religiosa na terra, servindo ao Senhor e guardando seus mandamentos.

Assim você vê que nossa imersão se destina a lembrar-nos o sepultamento e a ressurreição de Cristo. Esta é uma das razões por que o batismo nos é tão importante. Ele sempre nos recordará de que Cristo morreu por nós e que depois foi ressuscitado. Tão certo como saímos das águas do batismo, assim também todos nós ressurgiremos da sepultura após a morte, para viver eternamente com o Salvador que tornou tudo isso possível.

Por isso, Tommy, seja grato pelo batismo e saiba que agora você é um verdadeiro membro da Igreja Cristo. Ele espera que dêse dia em diante, você sempre se lembre dele e guarde seus mandamentos, para que, assim, possa algum dia vê-lo e viver eternamente na sua presença nos céus. Que o Senhor o abençoe sempre é a minha oração por você.

Sinceramente
Mark E. Petersen,

A pelagem castanha e preta de Príncipe brilhava como que salpicada de minúsculos pontos de prata, conforme Tim gostava de imaginar. Tinha olhos inteligentes e observadores e o garoto se convencerá de que o pastor alemão estava pronto para assumir as tarefas de que até agora o velho Rex se encarregara.

Tim enfiou seu pesado abrigo de lã e, por cima, vestiu a capa impermeável.

— Esta será uma boa oportunidade para provar o que você sabe fazer, — êle confiou a Príncipe. — Vamos buscar aquelas velhas vacas idiotas, que não têm senso bastante para se abrigarem de chuva gelada como esta.

O velho Rex, que estivera observando o menino de seu lugar atrás do fogão da cozinha,

levantou-se e veio abanando alegremente a cauda.

— Você não vai desta vez. — Disse Tim ao idoso cão já grisalho e pêlo baço. — Quando você está por perto, nunca deixa o Príncipe fazer nada. Um dia, êle terá que aprender, não é?

Desde o dia em que Príncipe chegou à fazenda, o menino deixara de dar atenção a Rex, e agora saiu acompanhado de perto pelo cão pastor. Mas, quando chegou ao estábulo, Rex os seguia a certa distância. O menino esquecera-se de que há muito tempo o velho cão aprendera a abrir e fechar a porta.

— Eu já não disse que você não ia? — gritou o menino, ao perceber sua presença. Nós não precisamos de você. Você está é com ciúmes, só isso.

Façanha de um Velho Amigo

Eva Gregory de Pimenta

Ilustrado por Sherry Thompson

Subitamente, teve uma idéia. Chamou Rex com voz alegre e brincalhona que costumava usar, antes da chegada do nôvo cão pastor. Rex hesitou desconfiado, depois veio correndo e lambeu o rosto de Tim.

— Já chega! — Tim protestou irritado. Agarrou firmemente a coleira do cachorro, puxando-o para o barracão onde a mãe guardava suas ferramentas de jardinagem. Abrindo a porta, fêz o cão entrar e imediatamente voltou a fechar e trancá-la cuidadosamente pelo lado de fora.

Ao passar pela pequena janela do telheiro, pôde ver Rex de pé, com as patas anteriores apoiadas no peitoril, uivando em protesto. O menino sentiu uma leve pontada de remorso, mas logo a repeliu.

Era um sábado. Tim estava sòzinho na fazenda o dia inteiro. Os pais haviam saído de manhãzinha para a cidade, a fim de buscar a irmã no hospital.

Pouco depois do meio-dia, a leve garoa de princípio de inverno transformara-se em chuva misturada com neve. Agora, eram três horas e as árvores inclinavam os galhos vergados sob a gelada carga.

Tim arreou Tropeiro, seu cavalo, e dirigiu-se para o lado das colinas. Príncipe seguia relutante atrás da montaria, vez por outra voltando a cabeça com olhares saudosos para a acolhedora casa de onde vieram.

— Logo estaremos de volta, — consolava Tim em tom encorajador. — Você e eu, trabalhando juntos, num instante pegaremos aquelas vacas.

O menino tinha quase certeza de onde encontrar os animais, mas o caminho estava ruim, coberto com uma fina camada traiçoeira de gelo. Tropeiro avançava devagar com a cabeça arreada. Tim levantou a gola do casaco para proteger o rosto da chuva gelada e cortante.

— Olhe, Príncipe! — gritou ao alcançarem a ravina. — Ali estão elas!

As vacas haviam-se amontoado na extremidade oposta da ravina.

— Muito bem, parceiro, eu as encontrei. Agora é a sua vez, vá buscá-las. — Ordenou Tim ao pastor alemão.

Príncipe, contudo, ficou firme ao lado do cavalo, olhando perplexo para o menino.

— Então, vamos — disse o garôto pacientemente. — Vou mostrar-lhe mais uma vez como se faz.

Tim decidiu não gastar tempo, indo até a outra ponta da ravina, onde o barranco era menos íngreme. Fêz o cavalo descer o desnível como já fizeram muitas vezes antes. O animal, alerta ao terreno perigoso, escolhia o caminho com extremo cuidado.

Estavam quase chegando ao fundo, quando a montaria começou a escorregar. Lutou por manter-se de pé, mas as pedras cobertas de gelo e a terra escorregadia não lhe permitiram recobrar o equilíbrio. Tim retirou os pés dos estribos, mas já era tarde. Quando o cavalo caiu, o menino sentiu uma pontada de dor que, partindo do tornozelo, chegou ao joelho. Tentou levantar-se e pegar as rédeas do cavalo, mas voltou ao chão com um grito de dor.

Príncipe latia excitado, procurando morder o cavalo que se debatia. Tim observou impotente o cavalo pôr-se de pé com grande esforço e depois, tremendo de susto e relinchando, sair disparado pela ravina, passar pelas vacas em direção à casa da fazenda.

— Ô! Ô! — gritou Tim, em desespero. — Príncipe! Vá e traga-o de volta.

Mas o cachorro corria em grandes saltos pelo terreno gelado, acompanhando o cavalo, sem o mínimo esforço para fazê-lo voltar.

A tênue luz da tarde de inverno já cedia ao anoitecer, quando Tim, finalmente, perdeu as esperanças de que o cão retornaria com Tropeiro. Reprimindo a dor com dentes cerrados, tentou subir o barranco, mas foi obrigado a desistir. Na terceira tentativa, afinal, conseguiu. O vento cortante varria através da ravina, atingindo-o qual chicotadas raivosas. Ficou deitado no capim coberto de geada, completamente exausto, sem saber se devia apenas ficar ali deitado ou tentar o longo caminho de volta à casa.

As vacas precisavam ser recolhidas daquela gelada chuva e ordenhadas. Se pudesse chegar à casa, chamaria um vizinho para ajudá-lo. Finalmente, iniciou a longa, agonizante jornada. Com a estrada coberta de gelo, não podia esperar a volta dos pais antes do dia seguinte. Não havia ninguém em casa a não ser o velho Rex, e êste estava prêso.

Veio a noite, o frio ficou ainda mais intenso. Tim caiu seguidas vezes, e sempre sentia-

se tentado a desistir.

Então, de repente, as rajadas frígidas do vento trouxeram sons que penetraram em seu torpor, sons de latidos e de cascos de um cavalo golpeando o terreno congelado. Com tãda a energia restante, Tim ergueu as mãos entorpecidas à bôca em forma de concha e gritou:

— Aqui, Príncipe! Aqui!

Mas não era Príncipe.

Agora reconhecia aquêlê ganido ansioso e contente. Era Rex. Tim ficou sentado, deixando o velho cão lamber seu rosto. Lançou os braços em volta do pescoço do fiel animal e enterrou a cabeça no pêlo áspero e maltratado. Sômente quando Rex gritou de dor, o menino largou dêle. O cão continuou uivando baixinho até que Tim conseguiu levantar e, com muito esforço, montar no cavalo que esperava pacientemente.

Quando Rex viu que o garôto estava seguro na sela a caminho de casa, partiu pela ravina em busca das vacas, a fim de conduzi-las ao estábulo.

Chegando ao estábulo, Tim acendeu um lampião e desarreou o cavalo. Enquanto abastecia os comedouros com feno e ração, sentiu o torpor ceder, mas a perna continuava a doer muito. Poucos minutos depois, ouviu Rex chegando com os animais.

Depois de recolhidos todos êles, o garôto e o cão dirigiram-se para a casa. Ao passar pelo barracão, Tim notou o vidro partido da janela. Examinando os estilhaços ponteagudos ainda presos no caixilho, lembrou-se do ganido de dor do cachorro. Ajoelhou-se e puxou o animal para junto de si, passando os dedos pela grossa manta de pêlos até encontrar um corte feio e profundo.

Soltando um grito abafado, sentiu os olhos encherem-se de lágrimas.

— Você quebrou a janela, Rex! Quando Tropeiro voltou sôzinho, quebrou a janela para poder sair! — falou, chorando amargamente.

Na porta da cozinha, estava Príncipe à espera dêle e passou a morder-lhe carinhosamente o calcanhar.

— Você mostrou-se um bom parceiro, hein? — ralhou Tim, aborrecido. — Se não fôsse pelo Rex...

Tim interrompeu-se, quando lembrou sua deslealdade para com Rex, prendendo-o no barracão. Mas, mesmo assim, o velho amigo soube perdoar-lhe e chegou até a ferir-se para socorrê-lo.

O garôto esticou a mão, afagando o cão pastor ainda nôvo. Sentia-se capaz de perdoar Príncipe, pois o velho Rex ensinara-lhe o verdadeiro sentido da lealdade.

— Você ainda é muito nôvo, — disse-lhe, — mas o velho Rex vai ensiná-lo a ser um verdadeiro cão de fazenda.





Coisas que Aprendi

Presidente N. Eldon Tanner

Segundo Conselheiro na Primeira
Presidência

Quão gloriosa e próxima aos
anjos é a juventude pura;
esta juventude tem alegria
indescritível aqui e felicidade eter-
na no mundo vindouro." (Declaração
da Primeira Presidência, 6 de abril
de 1942)

Pudesse eu ver satisfeito o desejo
de meu coração, seria de que nossa
juventude vivesse de maneira tal a
usufruir esta grande promessa e bên-
ção. Afinal, o alvo e propósito de
nossa existência é prepararmo-nos
para a vida eterna, e quem dentre
nós não haveria de preferir a felici-
dade eterna ao estado de miséria ou
remorso de ações passadas?

Durante toda a minha vida, tenho
estado mais ou menos cômico dos
grandes males e tentações que sofre
a nossa juventude, e sempre me sen-
ti grato por meu pai ter-me dado este
importante conselho: "...buscai
primeiro o reino de Deus e a sua
justiça, e todas estas coisas vos
serão acrescentadas." Mateus (6:33)

Isto e mais o entendimento do
Evangelho que obtive bem cedo na
vida possibilitaram-me resistir às
muitas tentações que atormentavam

meus jovens amigos com quem me
associava. Ao pensar naqueles ami-
gos da juventude, torna-se tão evi-
dente que os que acreditavam e se-
guiam os ensinamentos do Evange-
lho e tinham forças suficientes para
superar as tentações, são exatamen-
te aqueles que continuaram a pro-
gredir e a gozar das coisas boas na
vida, enquanto os que não escolhe-
ram certo vêm pagando por isso todo
o tempo, exceto nos casos em que,
reconhecendo suas imperfeições,
aceitaram o Evangelho e arrepende-
ram-se de seus caminhos.

A convivência com pessoas corre-
tas tem sido um grande benefício
para mim. Por isso, venho sempre
encorajando meus filhos, netos e os
jovens com quem tive o privilégio
de associar-me, a escolher boas
companhias, estabelecer metas ele-
vadas, determinar o que é certo e
errado, e a decidir de antemão o
que fariam e o que não fariam, a
despeito das circunstâncias ou con-
dições em que possam estar. A não
ser que a gente tenha estabelecido
tal determinação, é quase impossível
escolher o certo, quando sob pressão
para agir errado ou quando premido
pelas paixões.

Tenho tido o privilégio de conviver com jovens na qualidade de escoteiro-chefe, professor e em diversos cargos da Igreja. Tive também a oportunidade de entrevistar numerosos jovens pelos mais diversos motivos e venho observando que, quando vivem segundo os ensinamentos do Evangelho, torna-se-lhes muito mais fácil tomar as decisões acertadas, além de serem indivíduos mais felizes e melhor ajustados do que aqueles que não conseguem apreciar o que o Evangelho significa.

Nunca conseguirei agradecer o bastante a meus pais pelo exemplo e ensinamentos que me proporcionaram, o amor e confiança demonstrados e os sacrifícios que se dispunham a fazer, para que eu pudesse gozar as boas coisas da vida e preparar-me para o futuro.

Seus pais podem ajudá-los grandemente, se nêles confiarem e aceitarem suas advertências e conselhos. Eles desejam a felicidade de vocês. Seus sucessos são os sucessos deles. Seus fracassos são também os deles. Sentem-se tristes, quando vocês estão tristes, e contentes, quando vocês o são. Se quiserem ser realmente felizes e bem sucedidos, devem honrar a seus pais como diz o mandamento. Vocês não podem prescindir da sabedoria e experiência que possuem.

Sempre tenho acreditado que o homem existe, para que tenha alegria (Ver 2 Néfi 2:25) e estou convicto de que conseguirá usufruir felicidade maior e ao mesmo tempo lograr sucesso, se fizer o que é justo. De fato, sempre encorajei minhas filhas a se divertirem quando eram moças e saíam em companhia de amigos, a passarem horas agradáveis que sempre seriam recordadas como tal, sem remorso nem pesar.

Dirigindo-me ao Pai Celestial em oração pela manhã, rogando que oriente meus atos e dizendo que dê-lhes prestarei contas à noite, sempre deu-me forças para prosseguir como devia. Se os jovens tiverem isso em mente e se lembrarem que o Pai Celestial conta com que cada um de seus filhos guarde seus mandamentos, terão força para resistir às tentações.

Amo nossa juventude e tenho grande confiança nela. Embora o mal e as tentações provavelmente sejam maiores do que nunca, vocês são melhor instruídos e preparados para enfrentá-los, e sob muitos aspectos melhor aprestados do que seus maiores para assumir as responsabilidades dos negócios, indústrias e outras posições de liderança.

Vocês são nossa esperança para o futuro. É a vocês que cabe o privilégio e a responsabilidade de tornar o mundo melhor. Gostaria de viver o suficiente para constatar o quanto conseguirão fazer neste sentido. Mas isto somente lhes será possível caso se mantiverem fisicamente fortes, mentalmente alerta e moralmente sãos, sempre buscando a orientação do Pai Celestial. Alcool, tabaco e drogas farão decrescer sua eficiência e capacidade, bem como sua fé.

Revistam-se de toda a armadura de Deus. (Ver Efésios 6:11) Tendo fé e estando a justiça dirigindo suas ações, vocês não poderão falhar e não deixarão de ser felizes. Não há nenhuma felicidade espelhada na face daqueles que estão criando os distúrbios em nosso mundo conturbado, mas aqueles que fazem o que sabem estar certo prosseguem contentes em seu caminho, fazendo progressos. Minha esperança para vocês é de que tenham alegria indescritível aqui e felicidade eterna no mundo vindouro.



Domíngo no Vietnam

Roger McLaughlin

Ilustrado por Peggy Hawkins

NOTA: Atualmente estudando administração hospitalar no Centro Médico da Universidade de Colorado, Roger leciona pela manhã no seminário anexo, sendo membro da II Ala de Littleton. Ele e Bárbara, a moça que posteriormente se tornou sua esposa, uniram-se à Igreja em sua cidade natal de Ottumwa, Iowa, em 1961.

Caso seus sentimentos tenham sido chocados pelo ambiente e tom casual dos soldados no tocante ao trabalho no necrotério, por certo quererão recordar os comentários de Roger aos editores: "Depois de ver-se separado dos conhecidos, presenciar a morte de amigos bem ao seu lado, a gente torna-se calejado com a morte. É preciso. Se não o fizermos, não conseguiremos suportar, somos destruídos".



Este é um caso verídico e não ficção. Aconteceu a Roger McLaughlin e a seus companheiros combatentes no Vietnam, onde serviu como auxiliar de médico na Fôrça Aérea.

O sol cascadeava seus raios em amenas e cálidas ondas de deleite contra seus músculos enrijecidos. Sua luz e calor tépido fizeram-no voltar da modorra preguiçosa e reviver mentalmente o arrebatamento daquela manhã — o milagre daquela manhã.

Era domingo de conferência. Don, Tracy e eu éramos os únicos mórmons que ficaram na base, pois estávamos de serviço, não podendo tirar licença para comparecer à conferência em Nha Trang. Como servíamos na mesma unidade, reunimo-nos após o pequeno almoço para nossa própria reunião de testemunhos. Tinha sido um serviço simples — dois para abençoar o sacramento e um para distribuí-lo aos dois que o haviam abençoado. Foi uma reunião solene e muito especial para nós.

Após o término de nossa pequena reunião, Tracy deixou-nos para ir ao posto da esquadrilha, enquanto Don e eu passamos a hora e meia seguinte na cantina conversando e tomando leite maltado. A beberagem rala, feita de leite em pó não era das melhores, porém, quanto mais se ficava no Vietnam, melhor nos sabia. Depois, Don e eu decidimos dar uma chegada até o MACV (Military Assistance Command Vietnam — Comando de Assistência Militar do Vietnam. N. do T.), para encomendar uns ponchos confeccionados pelos alfaiates vietnamitas, a fim de levar para casa.

Don comentou que Tracy também queria um, por isso pulamos para a ambulância e tocamos para a pista de aterragem, a fim de pegá-lo. Don entrou no barracão de salvamento, mas logo retornou com a informação de que Tracy fôra até o necrotério para

ajudar a cuidar de alguns MEA mortos em ação que acabavam de chegar.

Ficamos ali sentados por alguns minutos, tentando decidir se devíamos buscá-lo ou não. Caso fôssemos até lá, possivelmente nos poriam a trabalhar; mas também poderíamos continuar sôzinhos. Afinal, decidimos que queríamos que nos acompanhasse, mesmo que isto implicasse em trabalharmos um pouco em nosso dia de folga. Havíamos de ir juntos, nem que para isto fôsse preciso trabalhar o dia inteiro.

Ao entrarmos no edifício, o ar condicionado atingiu-nos como um vagalhão de alívio do calor abafado lá fora que nos deixara ensopados de suor. Ficamos ali deleitando-nos com o ar refrigerado, chacoteando que, se esfriasse demais, o suor viraria gelo e então, naturalmente, não mais teríamos que trabalhar.

Um sub-oficial do Exército apareceu pela porta que levava aos recintos de trás e indagou polidamente o que desejávamos. Don respondeu que procurávamos por Tracy, ao que, apontando com o polegar por cima do ombro, respondeu que “estava ali atrás.” Fomos então para a grande sala onde Tracy trabalhava. Forte odor de desinfetantes medicinais permeava o frescor.

Tracy debruçava-se sobre um cadáver quase nu deitado numa das frias mesas de metal. Havia mais outros sobre oito das mesas restantes. Alguns corpos ainda vestiam uniformes de campanha, sujos e empapados de sangue. Outros estavam despídos, só tendo uma toalha por cima. O recinto era bem iluminado, não dando a impressão de necrotério, a não ser pela presença dos cadáveres.

Tracy ergueu os olhos e sorriu.

— Eh, rapazes, o que estão fazendo por aqui?

Devolvendo-lhe o sorriso, explicamos o caso dos ponchos que queríamos mandar fazer. Ele ficou todo entusiasmado e confirmou que também queria um, mas que não poderia ir conosco, antes de terminar a limpeza daqueles cadáveres.

Perguntamos como arranjava tal trabalho. Contou então que estivera ajudando Dustoff a procurar vítimas pelas bandas de Dok To. De lá, trouxeram um punhado de feridos que levaram ao 71.º Hospital de Evacuação (EVAC); quando viu aqueles cadáveres na seção de emergência, oferecera-se para trazê-los ao necrotério e prepará-los para o embarque aos Estados Unidos. O sub-oficial mostrou-se grato pela ajuda, uma vez que sua gente havia saído mais cedo naquela manhã, a fim de ir a Pleiku City.

Compreendemos o desejo de ajudar de Tracy e lançamo-nos ao trabalho com os quatro corpos restantes, a fim de podermos ir juntos ao MACV.

Don e eu apanhamos solução desinfetante, uns trapos e pusemos mãos à obra nos cadáveres mais próximos. Conversamos acerca da morte dêsses camaradas e sobre a guerra em geral.

Primeiro, tiramos as fardas, depois lavamos e desinfetamo-los com uma grossa solução de desinfetante esverdeado, enxaguamos com água limpa e finalmente os enxugamos. Trabalhando os três e conversando, não demoramos em terminar a limpeza dos corpos.

Então, Tracy foi buscar os compridos e pesados envoltórios pretos. Colocamos um ao lado de cada cadáver, depois pusemos o corpo dentro dele junto com os pertences pessoais do soldado. Os zipers ficaram abertos, desde que o sargento devia inspecionar os corpos, completar a papelada e fechá-los pessoalmente. Quando estávamos quase terminando, Tracy e eu começamos a limpar as mesas e o chão, enquanto Don fazia uma verificação final.

Estávamos para partir, quando Don perguntou:

— Hei, Poco, é verdade que o organismo da pessoa continua a funcionar sob certos aspectos após a pessoa morrer?

Levantei os olhos e repliquei:

— Bem, ouvi dizer que o cabelo continua a crescer por algumas horas, mas não creio que dê para notar. O cérebro pode funcionar por uns poucos minutos depois do coração parar, mas acredito que isto seja tudo. Por que?

— E quanto às glândulas lacrimais? Será que podem funcionar após a morte?

— Nunca ouvi nada sobre isso, mas presumo que seja possível — afinal, por que todas essas perguntas?

— Bem, pensei que talvez tivéssemos deixado um pouco de água nos olhos dêste camarada, mas já enxuguei duas vezes e continua juntando líquido nos cantos dos olhos. Acho que está lacrimejando.

Tracy e eu erguemo-nos e fomos até lá. Ao examinarmos o rosto do jovem lacerado por estilhaços de granada, uma lágrima solitária caiu do canto externo da vista, correu pela face para dentro do ouvido.

— Êste homem ainda está vivo! — ofeguei. A reação foi imediata como se coisa igual nos houvesse acontecido centenas de vezes. Don apanhou as chaves da ambulância e abriu as portas, enquanto Tracy

e eu carregávamos o corpo. Colocamo-lo na maca e partimos a tôda para o 71.º Hospital de Evacuação, com a sirena abrindo caminho.

Durante o trajeto, Tracy enxugou outra lágrima do rosto do rapaz. Dei uma olhadela na placa de identidade, para descobrir seu nome, pois queria dar-lhe uma bênção. Foi então que notei na parte inferior da plaqueta três pequenas letras — SUD. Coloquei minhas mãos sobre sua cabeça e sussurrei uma oração quase inaudível: "Pela autoridade do santo Sacerdócio de Melquisedeque, do qual sou portador, e pelo poder de Jesus Cristo, eu ordeno que fiques vivo até que consigamos o atendimento médico adequado para restaurar tua vida."

Tracy, olhando-me, enxugou uma lágrima de seus olhos e, sorrindo agradecido, inclinou a cabeça em oração silenciosa.

A sirena calou e atravessamos a estrada asfaltada que levava aos portões abertos do hospital. Auxiliares médicos ajudaram a tirar o soldado da ambulância e levaram-no para a sala de emergência. Dois médicos puseram-se a interrogar-nos e contamos-lhes tudo o que sabíamos. Sem mais comentários, os dois desapareceram pela entrada de emergência; nós ficamos sentados do lado de fora, num comprido banco de madeira, por mais de duas horas.

Estávamos aventando a idéia de ir tratar dos ponchos, quando apareceu um dos médicos que se aproximou de nós. Ficamos de pé.

— Estou contente que tenham esperado, — começou. — Quero contar-lhes sobre o milagre que aconteceu. Aquêlê rapaz lá dentro devia estar morto, segundo todas as probabilidades médicas. Foi ferido em nove lugares diferentes e perdeu tanto sangue, que já não sangrava mais. O coração estava tão fraco, que não dava para ouvir qualquer batida ou sentir o pulso. Seu estado de fraqueza tornara a respiração imperceptível. Legalmente estava morto, mas, na verdade, ainda vivia.

— Não conseguia mover-se nem falar, tal seu estado de fraqueza, por isso ficou deitado ali naquela fria mesa do necrotério, apenas chorando. Teve muita sorte por vocês terem notado as lágrimas, porque não iria resistir por muito tempo mais. Na verdade, deveria ter morrido, mesmo depois de vocês o terem tirado de lá. A despeito de receber mais de dois litros de sangue e têrmos pensado seus ferimentos o melhor possível, ainda faltavam-lhe as forças para resistir. Mas êle conseguiu.

Fêz uma pausa, depois olhou diretamente para nós.

— Nos oito anos que venho praticando a medicina, mais os quinze meses que trabalho aqui no Vietnam, nunca presenciei um milagre assim. — Em seguida, baixando o olhar, prosseguiu: — Sabem de uma coisa, poucos minutos atrás, aquêlê jovem soldado olhou-me sorrindo fracamente e disse "Sacerdócio". O que vocês acham que êle quis dizer com isto?

Sem esperar resposta, o médico voltou-se devagar e entrou novamente pelas portas abertas do hospital.

Agora, enquanto estou aqui lagarteando no sol, eu sei que algum dia voltarei e explicarei ao médico. Mas, no momento, quero apenas descansar e sentir a alegria de ter participado de um milagre moderno.

“Em Meio às Massas”

Falando sobre A Escola da Vida, Henry Van Dyke fez a seguinte observação: “Talvez você tenha que viver em meio às massas, mas não é obrigado a viver igual a elas...”

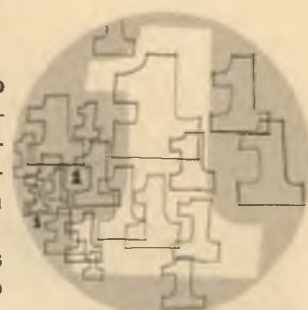


Esta é uma das mais importantes lições a ensinar aos filhos e uma que todos nós temos que aprender. As pessoas gostam de viver como indivíduos — viver segundo seus gostos pessoais — ou pelo menos é o que afirmam. Mas, nem sempre agem desta maneira — pois parece existir certa coerção para acompanhar as massas. Como prova disso, considerem esta compulsão quando se trata de seguir a moda. Contudo, na questão de seguir as massas ou viver individualmente independente, não precisamos seguir precisamente o mesmo modelo. Tanto existem exemplos bons como maus, cabendo a nós distinguir entre os dois. Mas existe uma coisa formidável chamada psicologia da massa, quando muita gente parece agir de maneira compulsiva, sem que necessariamente tenha ponderado a questão. E uma das coisas que mais urge aprender é que um erro não se justifica só porque muitos o cometem. Um erro não se torna coisa certa, somente porque a massa o adota. Nenhum membro da massa se livra da responsabilidade pessoal, quando acompanha outros numa coisa que não faria de per si.

A massa é composta de indivíduos e age basicamente como agiria o indivíduo. E antes que um rapaz ou moça (ou um adulto) faça algo que não deve, tome algo que não deve, use algo que não deve, comporte-se como não deve, seja como parte da massa ou em companhia de outros, deveria estacar e perguntar-se honestamente: “Eu faria isto, se estivesse sozinho, se pensasse por mim mesmo e, considerando as conseqüências, sem compulsão alheia?” Todos nós iremos levar conosco o registro de nossos atos, nossas próprias memórias, nossa própria responsabilidade, tenhamos agido como massa ou como indivíduo. Sobre esta questão, Abraham Lincoln tinha algo a dizer: “Fique junto de qualquer um que esteja certo. Fique junto dele, enquanto ele estiver certo e afaste-se quando ele andar errado: “Talvez você tenha que viver em meio às massas, mas não é obrigado a viver igual a elas...”

“Dias Demais de Uma só Vez”

Ouvi um estimado amigo dizer isto a certa pessoa, profundamente pensativa devido à perda de um ente querido: “Não tente viver dias demais de uma só vez.”



Este conselho bem poderia ser aplicado a outras situações e circunstâncias! “Não tente viver dias demais de uma só vez.” Às vezes, caímos em profunda frustração, tentando fazer coisas demais de uma só arrancada, tentando decidir coisas demais ao mesmo tempo, fazendo com que o avanço seja detido, como na obstrução de toras flutuantes — ou semelhante ao pânico quando muitos procuram passar por uma porta ao mesmo tempo. As pessoas em seu primeiro choque podem não ter suficiente perspectiva para tomar decisões de longo alcance. Excessivamente acalbradas ou preocupadas acabam com frustração ao procurar fazer ou decidir coisas demais de uma só vez. Há ocasiões em que carecemos de capacidade de julgar calmamente e precisamos recorrer a outros, e há situações em que temos de confiar numa força acima do auxílio humano, quando pedimos uma diretriz, implorando em sincera oração por consolo e certeza fora do nosso alcance. Vocês que têm problemas urgentes e complexos, acidentes, doenças, pesares, perda de entes queridos; vocês que sentem-se preocupados e abatidos pelas pressões da vida — tentando evitar a derrocada da família e negócios, interesses e obrigações: Parem, orem, confiem — tomem tempo, a fim de ponderar as coisas; escolham o mais essencial e premente; e não tentem carregar o fardo todo de uma só vez, ou tomar todas as decisões para o futuro numa só hora agonizante. O tempo consegue muita coisa — cura e alivia o pesar. A vida continua e de alguma forma torna-se suportável, útil, ainda que entes queridos nos tenham deixado. As pessoas se adaptam — milhões o fizeram, milhões o farão. Uma das piores maneiras de resolver problemas é agir em pânico ou sob pressão. Não sabemos o quanto podemos fazer ou suportar antes que chegue o momento. Mas somos capazes de muito mais do que por vezes imaginamos — e paz, conforto e reconciliação podem acontecer. E assim, repito o bom conselho de meu querido e sábio amigo: “Não tente viver dias demais de uma só vez.”



O Preparo de nossa Juventude

Presidente Harold B. Lee.

Primeiro Conselho na Primeira
Presidência

S seja aonde fôr que andemos pela Igreja hoje em dia, encontramos uma crescente preocupação pelo futuro da juventude santo dos últimos dias. Tal preocupação é válida, uma vez que o futuro da Igreja está inseparavelmente ligado aos nossos jovens. São eles que logo estarão presidindo às famílias, quoruns, estacas, alas e auxiliares.

Naturalmente, o que agora fazemos ou deixamos de fazer em termos de prepará-los afetará sua capacidade de guiar a Igreja e de amar suas famílias, o Evangelho e os demais membros da Igreja.

Na epístola de Paulo dirigida a Timóteo, encontramos um conselho oportuno tanto para os velhos como os moços: "Ninguém despreze a tua mocidade; mas sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza." (I Tim. 4:12)

Nós amamos os jovens da Igreja e dizemos-lhes como Paulo ao jovem Timóteo, que serão mais felizes, se forem um exemplo para os fiéis. O futuro da Igreja é seguro, porém será ainda mais auspicioso, se a nossa juventude mostrar na palavra e na conversa a caridade e a pureza que somente poderão vir de um que acredita.

Se alguém questionar a importância dos jovens para a Igreja, deveria atentar para as informações abaixo, preparadas pelo escritório do Historiador da Igreja, a partir de um amplo levantamento estatístico.

Mais de cinquenta por cento dos membros da Igreja têm vinte e cinco anos ou menos. Há igual número de membros entre doze e vinte e cinco anos, como existem de trinta e seis para cima. E se quisermos considerar o grupo etário dos dezesseis aos vinte e cinco anos — provavelmente o período de maior pressão e decisões mais cruciais — este compreende acima de vinte e três por cento do total de membros da Igreja.

Somente por estes dados estatísticos poderão aqui-latar o imenso desafio que enfrentamos, pois esse enorme grupo de jovens eventualmente irá servir e guiar o reino durante um período extremamente crítico. Todos nós precisamos fazer um melhor trabalho quanto ao preparo deles do que estamos fazendo atualmente.

Está-se tornando cada vez mais evidente que o lar e a família são a chave para o futuro da Igreja. Uma criança criada sem amor, uma criança que desconhece disciplina, trabalho ou responsabilidade, freqüentemente recorrerá a substitutos satânicos da felicidade — drogas, desregramento sexual e rebelião, seja intelectual ou comportamental. Nosso empenho intensificado em relação ao programa de reunião familiar, que não apenas recomendamos com insistência mas para o qual também temos fornecido mais e mais ajuda, contém grandes promessas, se apenas aproveitarmos essas oportunidades.

Não há lugar mais oportuno para ensinar e aprender as lições sobre casamento, amor e sexo no que tange à sua combinação apropriada como no casamento santificado no templo. Não existe lugar melhor para se lidar com as dúvidas de nossos jovens do que onde haja amor — o lar. O amor pode levar os jovens a

escutar aqueles em quem podem confiar. Nossos currículos, quoruns e cursos devem ser um suplemento do lar e quando estes são seriamente deficientes, teremos que compensá-los o melhor que pudermos.

Quando Jesus, falando do primeiro e segundo grandes mandamentos disse: "Dêstes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas", (Mateus 22:40), externou um dos maiores preceitos de toda a história humana. Pois é nestes mandamentos que devemos alicerçar não apenas todos os nossos ensinamentos, como também dirigir por sua luz orientadora nossas organizações e cultivar os programas correlacionados.

Poderá a criança aprender a amar seu próximo, se ela mesma não conheceu o amor? Como um jovem poderá aprender a confiar, se nunca confiaram nele? Poderá um rapaz que desconhece o que é trabalhar ou assumir responsabilidades compreender o quanto tais características vitais são necessárias para preservar unida toda a sociedade? Como poderá a moça que nunca participou de discussões honestas e puras dos princípios do Evangelho em sua casa, enfrentar as críticas do mundo e os assaltos intelectuais à sua religião? Poderá o moço obrigado a pedir ao pai que não compareça ao seu casamento no templo, porque fuma (ainda que tenha obtido uma recomendação) sentir pleno respeito pelo bispo que fecha os olhos a esta "falta" para agradar à família? Sem ter experimentado um princípio do Evangelho em ação, torna-se muito mais difícil acreditar nele.

Temos que lembrar-nos de que, quando alguns de nossos jovens criticam a hipocrisia dos adultos, nem sempre estão querendo encontrar erros em nós, mas isto provém de um profundo desapontamento. Eles realmente desejam que sejamos o que pretendemos ser, porque quando o somos, isto lhes testemunha de que realmente acreditamos.

Precisamos mostrar-nos mais dispostos a dar aos nossos jovens responsabilidades apropriadas. O Presidente Joseph Fielding Smith que nos preside, conheceu a responsabilidade ainda jovem, como também seu pai, o Presidente Joseph F. Smith.

Deus tem amiúde dado tarefas especiais a jovens escolhidos. Grande parte do tédio e inquietação da mo-

cidade provém dos anos mais longos de estudo e dependência, antes que tenham plena responsabilidade e ocasião de prestar serviços; nossos moços querem ocupar-se e realizar-se. Naturalmente, precisam ser preparados, mas existem muitas coisas que poderiam fazer, enquanto amadurecem, se adaptarmos as oportunidades de servir nos programas da Igreja às aspirações da juventude.

Numa época que nos foi descrita como muito parecida com os tempos de Noé, devemos auxiliar nossos jovens a escolher certo, a crescer em justificada auto-estima, especialmente quando ficam sob a influência direta do lar, onde o amor familiar poderá fazer o arrependimento tanto possível como significativo. O ambiente dos jovens fora do lar e da Igreja freqüentemente será vazio no que concerne a valores, ou conter idéias que contradizem os princípios do Evangelho.

Parece-me indubitável que a Igreja não tem escolha — e nunca a teve — senão empenhar-se mais em assistir a família no desempenho de sua missão divina, não só porque esta é a ordem dos céus, como também por ser a contribuição mais prática que podemos dar à nossa juventude — ajudar a elevar a qualidade de vida nos lares SUD. Por mais importantes que sejam nossos numerosos programas e aspectos organizacionais, eles não devem suplantar o lar, mas, sim, dar-lhe apoio.

Ao contrário de certas correntes no mundo, não queremos cultivar a juventude, imitando-a e mostrando-nos tão ansiosos em agradá-la, a ponto de comprometer nossa própria integridade e individualidade. Nem tampouco queremos ser como os outros que, por causa da conduta de uns poucos rapazes e moças, pretendem abandonar todos os jovens. Como em todas as coisas, devemos nos guiar pelos ensinamentos do Mestre. Precisamos ser sensatos e não ingênuos. Precisamos amar mesmo aqueles que nos ofendem e maltratam. Precisamos manter-nos inflexíveis em se tratando de princípios, porém sempre prontos a amar e perdoar. Precisamos estar dispostos a dar aos outros, inclusive aos jovens, razões para o nosso próprio compromisso com o Salvador e seu reino.

Que possamos assim servir, amar e guiar nossa mocidade, a fim de prepará-la para o dia de hoje e para o futuro.



"Meus queridos Marjorie, Cameron, Heather, Warren, Holly e Heidi. Acima de tudo, anseio pela vida eterna com todos vocês. O que é importante: Casamento no templo, missão, universidade. Continuem persistindo. Estabeleçam metas, escrevam história, tirem fotografias duas vezes ao ano."

Uma Dádiva dos Céus

George Durrant

Certamente uma carta bem resumida, mas nestas poucas palavras condensam o maravilhoso testemunho de um pai à sua família. Os destinatários dessa cartinha ficaram por demais exultantes para se importarem com a forçada brevidade do conteúdo. Cada palavra representava um tesouro. Há dois anos e meio, estavam à espera de algum indício de que o missivista continuava vivo.

O pai, um piloto da Força Aérea dos Estados Unidos, fora derrubado por fogo inimigo durante uma mis-

são de combate sobre o Vietnã do Norte. Depois, seguiram-se trinta longos meses de silêncio, enquanto continuava encerrado em prisão inimiga.

Cinco meses após a primeira carta, chegou a segunda, na qual o pai mais uma vez expressava à família as coisas mais caras ao seu coração:

"Carinhosas saudações a todos. Estou bem. Espero tenham continuado reuniões familiares, armazenagem de alimentos e o programa de leitura, ampliando-o para incluir um hino e alguns versículos na hora do desjejum com a família. Marge, acho que você gostaria de um curso universitário. Considere literatura infantil, arte e música, economia doméstica, finanças pessoais. Jay."

Eis um pai que tinha de pesar cada palavra ao comunicar-se com seus familiares. Aconselhava-os a continuarem as reuniões familiares, nas quais, certamente, via alguma coisa de valor para amparar seus filhos durante os anos da sua formação.

Imaginem seu próprio filho acabando de atingir a idade adulta. É responsável, desejoso de servir seus semelhantes, amante da virtude, testemunha inabalável da natureza divina do Evangelho restaurado; sabe amar e é amado.

Gostariam de criar um filho ou filha assim? Estariam dispostos a deliberada, paciente e persistentemente investir seus maiores esforços para consegui-lo?

Se fôr este o desejo de vocês, o tempo é pouco. O lapso de tempo da primeira infância à idade adulta passa num instante. Por isso, saibam que nenhuma oportunidade de estar ao lado da criança e de ensiná-la pode ser ignorada, sem que haja uma perda irreparável.

Os pais que acalentam um sonho quanto ao destino de seus filhos sabem que o programa de reuniões fa-



Irmão Durrant, secretário executivo dos comitês do Ensino Familiar do Sacerdócio e da Noite Familiar, é um ex-diretor do currículo Iamanita para Américas do Norte e Sul e ilhas Polinésias. Trabalha atualmente como líder dos Exploradores na Segunda Ala de Imperial, Estaca de Wilford, em Salt Lake City.

miliares do Senhor é como que uma dádiva dos céus. Não se trata de algo que temos de fazer, mas sim de uma coisa que nos concederam fazer.

A maioria dos pais têm aspirações semelhantes para os filhos. Por que, então, alguns dêles fizeram da reunião familiar uma parte integrante da vida em família, enquanto outros não? Será que encaram a reunião familiar como apenas mais um fardo acrescido a uma vida já sobrecarregada? Ou acharão alguns pais que não estão equipados intelectual ou espiritualmente para ensinar os filhos? Terão outros tentado, sentido-se desencorajados pelo desassossêgo ou resistência aberta dos filhos?

A êstes pais, podemos afirmar honestamente que as reuniões familiares não precisam ser um fardo; o pai não é obrigado a ser o único a ensinar; os filhos não precisam mostrar resistência.

Serão tais reuniões uma carga entre outras para vocês? Então avaliem os verdadeiros objetivos de sua vida; talvez possam desfazer-se de alguma coisa menos importante. Lembrem-se de que ser pai ou mãe é "serviço religioso" no mais estrito sentido do termo. Lembrem-se de que os fardos se tornam mais leves quando compartilhados. Quando todos os familiares auxiliam sob a direção do pai, o fardo da reunião familiar fica mais leve e as bênçãos aumentam.

Certo pai explicou: "Não tenho medo de pedir ajuda. Uma noite, quando não estávamos mesmo preparados, sugeri que minha esposa e as duas crianças menores fôssem estourar pipocas, enquanto os dois mais velhos e eu passávamos os olhos no livro de reuniões familiares. Organizar a reunião é tanto uma parte dela quanto a execução do que preparamos. Se houver gráficos a fazer, ilustrações a colorir ou histórias a ensinar, nós os preparamos juntos como família.

"Enquanto minha mulher e os menores estouravam pipocas, pude ouvi-los ensaiando uma canção. Nós, os outros três, escolhemos um assunto e o lemos em poucos minutos. Ricardo decidiu contar uma história e Júlia prontificou-se a ler as Escrituras, explicando-as depois. Concordei em ficar ouvindo e em prestar meu testemunho da felicidade encontrada por viver os princípios abordados. Foi verdadeiramente emocionante sentir-se parte da equipe familiar.

"Tivemos uma reunião familiar agradável e inspiradora, e se foi um fardo, não cheguei a percebê-lo."

O comportamento dos filhos às vezes deixa os pais aborrecidos, prejudicando a atmosfera da reunião familiar. Conta um pai: "Após uma dessas reuniões exasperantes, resolvi fazer um "inventário", chegando à conclusão de que o problema não era a família, mas sim, eu mesmo. Prometi a mim próprio nunca mais "perder as estribeiras" durante a reunião familiar. Se acontece algo que me faz perder a calma, peço licença e vou tomar um copo d'água. Tenho tomado água a valer, mas não quebrei meu voto."

Aprendam a relaxar. A reunião familiar não é uma aula formal, mas sim a ocasião em que a família passa uma hora em conjunto em seu próprio lar. As crianças não precisam ficar sentadas em fila. O que importa que queiram deitar-se no tapête ou escolher outra posição à vontade? Isto não prejudicará sua atenção. E é perfeitamente adequado o pai sentar-se com o braço em torno dos ombros da mãe. Isto poderá até mesmo ensinar a lição de que existe amor entre êles. Se as crianças aprenderem êste fato, aprenderam algo de importância eterna. Caso disponham daqueles pirulitos gigantes, êstes podem ajudar a criar uma atmosfera própria para "escutar", enquanto os familiares discutem o assunto.

Se uma das crianças se mostra desatenta, faça-a cantar ou dançar ou envolva a família toda numa brincadeira. Se um dos filhos menores deseja brincar com seu carrinho, enquanto vocês conversam com os adolescentes, não importa. As famílias com filhos de idades diversas não podem agir como o fariam numa classe de pessoas de idades semelhantes.

Uma das perguntas-chave para determinar o valor de uma dessas reuniões é: "Crianças, vocês gostaram?" Aquêles que conseguiram estabelecer um ambiente informal e agradável, descobrirão que as crianças apreciam as reuniões familiares, como também que é nestas circunstâncias que melhor conseguem comunicar-se de coração a coração sobre o Evangelho. Os pais de tais famílias acabam sentindo que desapareceu sua insegurança ao ensinar. A lição torna-se mais uma conversa do que propriamente uma aula.

Certo pai conta que se desviou do tema da lição, quando seu olhar caiu sobre a filhinha de onze anos. Do fundo do coração, êle disse: "Carla, você é tão linda. Algum dia, quando tiver crescido, encontrará um rapaz que gostará de você e você dêle. Então, me dirá que o aprecia e eu responderei que tenho vontade de

não tomar conhecimento dêle, porque você é minha querida. Mas depois, irei conhecê-lo e passar a gostar dêle também. Após certo tempo, você talvez venha a amá-lo e êle a você. Então, um dia, todos nós nos levantaremos bem cedinho e iremos ao templo, e você se casará para o tempo e para tôda a eternidade. Não seria maravilhoso, quando você se casar exatamente assim como sua mãe e eu nos casamos? Crianças, o templo é o único lugar certo para se casar."

Uma declaração dessas, feita num ambiente de amor e respeito mútuos não é uma preleção, mas um claro exemplo de um pai transplantando do seu próprio coração ao dos filhos as coisas que lhe são mais caras. Não há nenhuma pressão envolvida. Aquelas coisas que acalentamos com crenças divinamente inspiradas nunca poderão ser introduzidas à força no coração dos filhos. Mas, no momento certo, oportuno, a mensagem poderá ser transmitida de coração a coração. Em uma reunião familiar em que todos têm liberdade de opinião e tôdas as idéias são respeitadas, as crianças sentem que estão sendo tratadas como gente, e suas reações serão inspiradas e reveladoras. O tédio dos adolescentes transforma-se em interesse animado, quando a palestra toca diretamente o âmago dos problemas cotidianos.

Quando os pais conseguem aprender o segredo de "escutar" melhor, automaticamente aprendem o segredo de ensinar melhor. Certo adolescente, ao lhe perguntarem o que tinha em mente, declarou: "Uma coisa que realmente me aborrece é que temos cenouras tantas vezes."

A mãe replicou de imediato: "Cenouras fazem bem a você e não quero mais ouvir falar nisto." O rapaz nada mais tinha a dizer sobre cenouras ou outra coisa qualquer, e quanto a êle, o resto da reunião familiar foi antes uma maçada do que prazer. Se ao menos a mãe tivesse dito (e na verdade, não seria coisa fácil fazê-lo): "Você realmente não gosta de cenouras, não é?", o rapaz talvez houvesse dito mais uma porção de coisas e nem tudo seriam críticas. É quando falamos abertamente e explicamos o que sentimos que nosso coração torna-se receptivo a eventuais mudanças. Êste é mais um exemplo de como ensinar com amor e respeito e não pela força.

Isto não quer dizer que os pais não devem tomar posição. Significa meramente que as coisas podem ser discutidas de modo que os filhos atendam aos pais, porque o desejam e não por serem obrigados.

Certo pai conta que tem observado os filhos descobrindo que, para cada coisa que fazem de errado, acertam no mínimo dezenove coisas. "Por isso," diz êle, "recuso-me a dar tempo igual aos erros. Emprego a hora da reunião familiar elogiando meus filhos em lugar de criticá-los. Procuro antes falar-lhes sobre o que fizeram certo, em lugar do que tenho visto de errado."

A reunião familiar é uma ocasião para dar expressão ao amor. Disse um garoto: "Se fôsse contar tudo de bom que sei sobre mamãe, ficaríamos a noite inteira aqui."

O pai sentiu-se tocado e acrescentou: "Sinto a mesma coisa. Amo-a de todo o coração." A mãe enrubescceu.

Aquêle pai posteriormente acrescentou uma observação: "Durante a semana que se seguiu, provamos as melhores refeições que possam imaginar."

As reuniões familiares são ocasião oportuna para deixar os filhos falarem sobre seus trabalhos escolares. Haverá maior emoção do que permitir que a criança pequena leia o primeiro capítulo da sua cartilha para a família? Poderá assim mostrar a grande habilidade recém-adquirida e talvez, ao mesmo tempo, chegar à conclusão de que o trabalho escolar é realmente importante. Crianças com experiências assim esforçam-se ao máximo nos estudos.

Vocês não são **obrigados** a realizar reuniões familiares — vocês **podem** fazê-lo. É uma oportunidade para, no decorrer dos anos, dizer aos filhos de mil maneiras: "Crianças, a Igreja é verdadeira. Nós, seus pais, amamos a cada um de vocês e sentimos orgulho de que sejam nossos filhos. A melhor família de todo o mundo é a nossa. Podemos ficar juntos para todo o sempre. Lembrem-se, filhos, Joseph Smith realmente viu Deus, o Pai, e seu Filho lá no bosque. Jesus Cristo vive. Êle é nosso Salvador. Esta é a sua Igreja. Sigam os irmãos que o Salvador tem escolhido e nunca se perderão."

Os profetas têm afirmado: "As crianças provenientes de lares assim nunca se desviarão." Vocês podem ter filhos e filhas responsáveis, que desejam servir, que amam a virtude, que possuem fortes testemunhos, que sabem amar e são amados, porque vocês fazem reuniões familiares e compartilham êste espírito no lar continuamente.

A história de como a Ala III - Santo Amaro, ESP, levou à cena uma das mais famosas obras do teatro francês, mostra como a arte dramática na AMM pode ser um

Pretexto para Edificação Espiritual

F. Máximo

Por que logo uma comédia clássica e não algo mais simples? Esta pergunta que nos fizeram tão freqüentemente caracterizava o problema mais sério que teríamos que superar durante os dezesseis dias (cêrca de 54 horas de trabalho) que nos tomaria a montagem de "O Avaro", uma comédia em cinco atos, baseada na obra homônima de Molière.

Nenhuma dificuldade maior seria enfrentada do que a de "convencer" as pessoas de que não estávamos fazendo teatro pelo teatro, mas que estávamos dispostos a enfrentar o desafio com que a empresa nos defrontava. Os que iriam engajar-se conosco naquela aventura, teriam mais do que a mera oportunidade de fazer teatro, algo que poderiam fazer alhures em condições talvez até mais favoráveis; iriam ter a oportunidade de observar os princípios elementares do Evangelho em ação, compreendendo que são o fundamento de toda atividade humana produtiva.

Uma das mais antigas e solenes formas de ensinamento religioso sempre foi o teatro, não sendo de estranhar-se, pois, que nos dias de hoje, em que o descaso pela religião é profissão de fé, o teatro atravesse uma profunda crise, à qual poderá não sobreviver. A importância que o teatro teve na iniciação religiosa pode ser avaliada, para citar-se um breve exemplo, pelos autos de fé da Idade Média, representados nas plataformas dos pórticos das grandes catedrais.

Entre nós, desde o tempo de Nauvoo, o teatro tem sido cultivado como uma das melhores maneiras de prover refinamento cultural e enriquecimento do espírito. Para os santos, o teatro não tem sido meramente um lugar e uma ocasião de divertimento, mas uma oportunidade de serem edificados, instruídos e elevados, ao observarem e estudarem a natureza humana projetada na cena.

Nessa perspectiva, procuramos, entre várias, uma peça para montar que fôsse para nós um desafio, tanto prático quanto espiritual. Uma que nos permitisse, ao mesmo tempo que nos divertíamos, crescer em entendimento das coisas espirituais.

O AVARENTO havia sido escrito por Molière em 1668 e representado pela primeira vez em Paris, no teatro do Palais-Royal, em 9 de setembro desse ano. Uma das suas nove melhores comédias de costumes e

caracteres, a peça retomava um tema de mais de dois mil anos, inspirada em "Aululária, a comédia da panela", do comediógrafo romano Plauto.

Fazia-se necessário adaptar a peça às nossas condições de execução, de palco e de platéia. A primeira mudança que fizemos no texto original, portanto, foi quanto à linguagem. Era necessário substituir ou eliminar blasfêmias, grosserias e gracejos. Muitos desses últimos, já na época de Voltaire eram criticados e não tinham mais graça. Também foram substituídos ou eliminados os trocadilhos e frases espirituosas que, em nossa época e em nossa língua, não faziam sentido. Introduziram-se termos coloquiais e de gíria atual, para tornar o texto mais acessível e leve.

A modificação seguinte levou em conta a economia da peça. Originalmente, o texto com falas muito extensas, quinze personagens e quatro entreatos colocaria uma carga incômoda sobre a equipe de produção, a direção, o elenco e a platéia.

Para tornar a montagem mais econômica e movimentada, e portanto menos cansativa para todos, reduziram-se de quinze para dez personagens o elenco, incorporando-se em um só, em Joaquim, as funções de quatro criados. A alteração ainda teve o mérito de eliminar um alvo de freqüentes críticas à peça: um pão-duro como Harpagon (O Avaro) ter quatro criados parecia uma incoerência a Diderot.

Dos três personagens desaparecidos: Cláudia, Brindavoine e La Merluce, o primeiro era apenas figurante (não tinha falas) e aparecia brevemente apenas uma vez em cena (Ato III, cena 1) e os demais tinham uma participação inexpressiva.

Fizeram-se extensos cortes nas falas demasiadamente longas, reduzindo o tempo de duração da peça para noventa minutos, que seria apresentada sem interrupção nos entreatos, evitando-se, assim, os intervalos maçantes que em nada contribuiriam para o ritmo e a continuidade da peça. A medida motivou a criação de uma engraçada cena muda para ligar o quarto ao quinto ato.

Outros alvos de impiedosa crítica foram removidos: uma inscrição em letras de ouro mencionada por Harpagon (Ato III, cena 1), que seria um injustificável esbanjamento por parte de um unha-de-fome; uma intriga inconcludente (Ato IV, cena 1). A quinta cena do

Ato V, tida como fastidiosa, incorporou-se um divertido e movimentado jogo de cena, desenvolvido por atores do século XVII.

Já contendo tôdas as marcações básicas para a encenação, o texto estava pronto para ser distribuído: "Harpagon, um velho avarento e usurário, valendo-se dos serviços de Frosina, uma intrigante, disputa a mão da jovem Mariana com seu filho Cleanto e deseja forçar sua filha, Elisa (secretamente comprometida com Valério, que se faz passar por criado) a casar-se com o idoso e rico sr. Anselmo. Graças ao expediente de La Flèche, valete de Cleanto, em surrupiar uma caixa-nha contendo a fortuna do Avarento, Cleanto ficará em condições de impor condições ao pai. Mas, na confusão resultante do roubo, interrogado por Mestre Simão, o comissário, Joaquim, o **factotum** de Harpagon, acusa falsamente a Valério de ser o autor do roubo e o enredo se precipita para um final surpreendente."

O principal problema que teríamos para levar o texto à cena, foi claramente exposto à equipe de produção: "Ninguém, dentro ou fora do elenco, crê que possamos realizar a montagem nos esquemas tradicionais e muito menos no nosso esquema pouco convencional. Ainda não se manifestou a descrença dentro do nosso grupo. Quando tal acontecer, causará atrasos e indisciplina. Por isso, essa realização é para nós um desafio. Temos que provar-lhes o contrário."

Um esquema disciplinar bem montado permitia o início e o término dos ensaios dentro dos horários previstos, mas, a partir da descrença, a indisciplina começou a minar a montagem, ameaçando levá-la por água abaixo. Primeiramente, várias pessoas da equipe técnica abandonaram a peça, sobrecarregando o eletricitista (Armando Castellões); depois, dois diretores abandonaram a cena consecutivamente e o timão foi passado à diretora assistente. As atas da produção revelam os percalços da montagem:

Dia 27 de janeiro. Ato I. Iniciava-se a montagem de "O Avarento". O grupo iria começar a se defrontar com a imperiosa necessidade de aplicar o princípio da fé às exigências cênicas: ter "fé" nas instruções da produção e cumpri-las, a despeito das opiniões pessoais. Quantas vezes a direção iria surpreender um ator desempenhando mal por ter descrito das palavras da produção!

Outro princípio que teria que ser aplicado era o do arrependimento. Este princípio revolucionário, que exige uma revisão integral do modo de viver de cada um, tinha que ser praticado pelos elementos do elenco, para desarraigar preconceitos infundados e transformar pessoas, que jamais haviam pisado um palco, em atores. (Alguns dos membros do elenco haviam tido algumas experiências de representação, a maioria, porém, iniciava-se).

A montagem obedeceria ao seguinte esquema: primeiramente, far-se-ia uma pré-gravação estereofônica de todo o texto, para ser utilizada nos ensaios de encenação. A medida visava a garantir o ritmo acelerado da comédia e a qualidade das falas. Os ensaios de encenação dublada deveriam garantir a qualidade da gravação final (uma vez que falamos com o corpo todo) e a continuidade da peça. As sessões de ensaios, inicial-

mente projetadas para três horas de duração, foram reduzidas a duas horas diárias.

Dia 5 de fevereiro. Produtor executivo (Errol Lee Hin, Jr.) faz uma reunião de oração especial com toda a equipe de produção e direção, para abordar as causas dos problemas disciplinares que estavam arrasando a montagem. A medida erradicou a irresponsabilidade de alguns para com o grupo e tornou-o mais coeso em torno de um objetivo comum. Havíamos sido vencidos na primeira batalha contra o tempo: a estréia foi adiada para 13 de fevereiro.

A medida em que a nova data se aproximava, o elenco final firmava-se e, ao mesmo tempo, acumulavam-se embaraços e dificuldades. **11 de fevereiro:** importante ensaio cancelado por falta de energia elétrica atrasa a gravação final. **12 de fevereiro:** dois atores com problemas de saúde e afonia. O segundo diretor abandona a peça e a assistente assume a direção. Trajes do Século XVII, desesperadamente solicitados a um canal de televisão, depois de concedidos, são manhosamente negados, obrigando-nos a recorrer a uma casa especializada em busca de trajes do Século XVIII mesmo, mais fáceis de serem conseguidos. (O déficit da produção, nessa altura, já era várias vezes superior ao orçamento previsto.) Véspera de estréia, e a gravação final não está pronta e nem estamos perto do ensaio final. Pane no veículo do produtor executivo, que transportava o vestuário, "come" uma hora preciosa de ensaio. Para não entrarmos por um "cano" homérico, teremos que passar o dia todo da estréia no prédio da capela.

Sábado, 13 de fevereiro. "O Avarento" estreiará às 19 horas. A segunda sessão será às 21 horas. **13:30 horas,** a gravação é terminada a duras penas. Depois do lanche, o elenco vai para o vestuário. Não há mais tempo para os ensaios programados. Ao elenco é dada uma instrução final: "Já não serão possíveis que permitam as últimas correções. Dependerá de cada um fazer racionalmente, e não por treino, o que for necessário. Estamos na situação de soldados aprendendo a desmontar bombas. O instrutor só poderá ensinar uma vez e não poderá intervir para corrigir o mínimo erro. Semelhantemente, uma vez iniciada a reprodução da fita gravada, não haverá como corrigir. O sucesso ou o fracasso dependerá de colocarem em prática os princípios que aprenderam. A fita gravada é o seu ponto. Confiem nela, absolutamente."

22:30. Pela segunda vez nesta noite, a platéia repleta aplaude entusiasticamente o elenco pelo seu surpreendente desempenho. Duas sessões bem sucedidas eram apenas parte da recompensa devida aos integrantes da peça.

Cansados, sentados na cena aberta diante da platéia escura e vazia, ouvindo os ecos dos aplausos, agora podiam sentir o sabor da realização de algo valioso e de si mesmos, que a inquebrantável perseverança lhes tinha dado a provar. Num breve balanço da sua realização, podiam contar o ter aprendido a cooperar em equipe, um propósito maior do que a realização da peça mesma, e que este trabalho espelhava o princípio da edificação espiritual, para o qual fazer teatro havia sido o melhor dos pretextos e um desafio.

Missão Brasil Central

Por um lapso consideramos o gráfico publicado no número anterior como sendo do mês de março, entretanto, referia-se a fevereiro.

ALAS/ESTACAS RAMOS/DISTRITOS	ENDEREÇO	BISPOS/ PRESIDENTES	N.º de Membros	N.º de Famílias	N.º de Assinantes d'A Liahona	N.º de Mis- sionários	CONVERSÕES Março	Total
Ala III — S. Amaro	R. São Benedito, 504	Juan C. Vidal	528	124	46	4	5	12
Ala IV — Pinheiros	R. Brig. Faria Lima, 1980	Benjamln O. Almeida	708	280	37	4	6	7
Ala V — Pinheiros	R. Brig. Faria Lima, 1980	Humberto Silveira	887	375	87	4	4	15
Ala VI — Perdizes	R. Caiubi, 345	Júlio Klappoth	530	276	26	4	6	14
Ala VII — Casa Verde	R. Antenor Guerlândia, 34	Giorgios H. Orfanos	414	184	14	2	—	6
Ala VIII — Santana	R. Padre Donizetti T. Lima, 28	Mitsuru Kikuchi	038	413	28	6	7	11
Sorocaba I	R. Gen. Osório, 515	Nelson de Genaro	447	163	35	4	11	34
Sorocaba II	R. Gen. Osório, 515	Raimundo José Libânio	326	134	20	4	12	21
Jaçanã	R. Francisco Rodrigues, 67	Benedito Pires Dias	151	64	11	2	—	5
Lapa	R. Guararapes, 470	Oswaldo S. Camargo	325	129	11	2	2	7
Osasco	R. Caldas Taio, 265	João M. de Souza	270	97	36	2	4	12
Pedreira	R. Prof. Guilherme B. Sabino, 151	Alberto Barbagallo	251	103	31	4	1	11
Tucuruvi	R. Padre Donizetti T. Lima, 28	Edmur D. Lima	—	—	12	2	6	6
ESTACA SÃO PAULO	R. Brig. Faria Lima, 1980	WALTER SPÄT	5875	2347	394	44	64	161
Ala I — Vila Mariana	R. Maurício Klabin, 92	Rodamés Sceppa	505	265	41	6	6	11
Ala II — Saúde	R. Ibituruna, 82	Antonio Andreolli	671	321	65	4	12	18
Ala IX — V. Maria	Av. Guilherme Cotching, 129	Frederico M. Puertas	789	112	12	2	3	7
Ala X — Penha	R. Rodovalho Júnior, 666	José M. Rodrigues Filho	989	415	10	4	11	34
Ala XI — Moóca	R. da Moóca, 4835	Wagner dos Santos	670	294	45	6	3	13
Cambucí	R. Lavapés, 1051	José G. Galhardo	154	65	21	2	1	1
Guarulhos	R. Santa Izabel, 23	Luiz Cunha	—	—	8	2	7	16
Ipiranga	R. Maurício Klabin, 92	Demar Stanicia	246	93	23	4	1	2
Jabaquara	R. Ibituruna, 82	Ilo M. de Souza	280	97	17	4	6	16
Vila Prudente	R. Ibitirama, 700	Elio M. Moraes	353	162	18	4	13	18
ESTACA S. PAULO LESTE	R. Ibituruna, 82	HÉLIO DA R. CAMARGO	4157	1824	260	38	63	136
Ala de Santo André	R. Catequese, 432	João H. Fin	893	170	39	—	—	—
Ala de Santos	Av. Valdemar Leão, 305	José G. Lopes	863	—	36	6	3	15
Ala de São Vicente	R. Dom Lara, 504	Adriano Silva	396	165	43	4	3	17
Gonzaga	R. Paraíba, 94	Daniel da Glória	230	103	52	4	3	6
Guarujá	Av. Ademar de Barros, 198	Eurico P. Schimidt	—	16	1	2	—	4
Mauá	R. Alvares Machado, 19	Ademar Leal	142	44	4	2	4	4
Ponta da Praia	R. Álvaro Alvim, 9	Nivio V. Alcover	210	117	43	2	4	5
Praia Grande		Ivo dos Santos	—	8	—	2	5	5
Santo André II	R. Sargento Cid, 248	João Barea	185	90	5	2	8	8
Santo André III		Ferrer da Costa Filho	—	—	1	2	4	4
São Bernardo	R. Cândido Portinari, 68	Camilo Antunes	138	65	12	2	2	6
São Caetano	R. Maranhão, 944	Adair A. Garcia	323	—	15	2	2	5
ESTACA SÃO PAULO SUL	R. Catequese, 432	SAUL M. DE OLIVEIRA	3380	778	251	28	38	79
Araçatuba	R. Luiz Pereira Barreto, 245	Horácio Saito	308	—	2	4	6	10
Araraquara	R. Voluntários da Pátria, 1209	Geraldo de Mendonça	513	—	16	4	5	6
Baurú	R. Gustavo Maciel, 1641	Jan Tao	247	—	2	2	1	5
Marília	R. Lima e Costa, 318	Marcos Rubio	193	—	5	2	—	2
Ribeirão Preto	R. São Sebastião, 1003	Orivaldo dos Santos	414	—	32	4	9	10
São José do Rio Preto	R. Mal. Deodoro, 2846	Oscar de Oliveira	305	—	9	4	4	13
DISTR. DE ARARAQUARA	R. Voluntários da Pátria, 1209	JALAL SAMAHA	1980	—	66	20	25	46
Campinas I	R. Duque de Caxias, 645	Elésio Ribeiro	786	—	10	4	1	2
Campinas II	R. Frei Manoel Ressurreição, 696	Henrique Moura	531	—	9	2	1	7
Campinas III	R. Duque de Caxias, 645	Geraldo C. Pereira	574	—	9	2	—	4
Campinas IV	R. Duque de Caxias, 645	Evaldo Martins	566	—	15	2	—	7
Jundiaí	R. Bartolomeu Lourenço, 202	Francisco Ribeiro	389	—	19	2	—	2
Piracicaba	R. Moraes Barros, 369	Nelson Gonçalves	253	—	17	2	—	—
Rio Claro	R. Seis, 1438	Van Dyke Gaerner	325	—	17	2	2	2
São José dos Campos	Av. Mal. Floriano Peixoto, 208	Expedito J. Saraiva	66	—	12	2	—	3
DISTRITO DE CAMPINAS	R. Frei Manoel Ressurreição, 696	EDUARDO C. NALLI	2990	—	108	16	4	27
Curitiba I	Av. Iguassu, 1460	Jorgi Aoto	750	—	17	4	—	15
Curitiba II	R. Gottlieb Muller, 96	Hipólito T. Rebicki	475	—	13	2	3	16
Curitiba III	R. Mateus Leme,	Francisco Gomes	670	—	19	4	3	12
Curitiba IV	Av. Iguassu, 1460	Flodualdo A. Toniolo	421	—	15	4	—	3
Curitiba V	R. Gottlieb Muller, 96	Vitor Bento	240	—	12	4	7	13
Curitiba VI	R. Bonifácio Vilella, 460	Rosaldo Gaertner	353	—	16	2	—	—
Curitiba VII	R. Bonifácio Vilella, 460	Bruno Smatz	357	—	8	2	2	4
Curitiba VIII	R. Gottlieb Muller, 96	Silvino M. Loeblein	421	—	11	2	—	6
DISTRITO DE CURITIBA	R. Gottlieb Muller, 96	LEVÍ GAERTNER	3687	—	111	24	15	69
Apucarana	R. Clotário Portugal, 1126	José G. Testa	87	—	11	2	—	—
Londrina	R. Belo Horizonte, 1236	Claudio P. Gameiro	565	—	15	2	3	3
Maringá	R. 15 de Novembro, 1040	Altamiro Barcello	113	—	2	2	5	10
Presidente Prudente	R. Pedro de Oliveira Costa, 234	Scott Wall	79	—	10	4	—	5
DISTRITO DE LONDRINA	R. Belo Horizonte, 1236	GUNTHER SALIK	844	—	38	10	8	18
MISSÃO BRASIL CENTRAL	R. Henrique Monteiro, 215	SHERMAN H. HIBBERT	22913	4949	1228	180	217	536

A Liahona Promove Disputa Entre Campeões



O Bispo Silveira está convicto de que vencerá a 3.ª etapa da disputa.

O Bispo Humberto Silveira, da Ala V - Pinheiros - ESP, juntamente com sua equipe de representantes d'A Liahona, está convicto de que vencerá a 3.ª etapa da **Disputa Entre Campeões**. Os Ramos da Tijuca e Recife já alcançaram e posteriormente ultrapassaram a meta de **100 assinaturas** e receberam merecidamente o prêmio de **10 assinaturas**.

Sua Ala ou Ramo poderá vir a ser o próximo contemplado, portanto, contribua para isso, renove ainda hoje a sua assinatura.

Na corrida dos campeões, figuram os seguintes colocados:

Recife - Pres. Evaldo F. de Oliveira	131
Tijuca - Pres. Wilson S. Pureza	112
Ala V - Pinheiros Bispo Humberto Silveira	87
Ala II - B. Saúde - Bispo Antonio Andreolli	65
Niterói - Pres. Emmanuel M. de Brito	57
Gonzaga - Pres. Daniel da Glória	55
Cascadura - Pres. Lery T. Carvalho	44
Ala III - Sto. Amaro - Bispo Juan C. Vidal	46
Ala XI - Mooca - Bispo Wagner dos Santos	45
Ala de São Vicente - Bispo Adriano Silva	45

A Liahona

Para que possamos completar nossa coleção falta-nos o número de setembro de 1951

Se você possui êsse exemplar e ainda os de março, abril

e maio de 1952, entre em contato conosco

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO

Caixa Postal 19079

São Paulo — SP.

